

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

THAIS TORRES DE CARVALHO

DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO AUTOBIOGRÁFICO

GOIÂNIA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Thais Torres de Carvalho**

Título do trabalho: **Do ato fotográfico ao ato autobiográfico**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 26/01/2024, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thais Torres De Carvalho, Discente**, em 26/01/2024, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4341099** e o código CRC **47C89A40**.

Referência: Processo nº 23070.003010/2024-54

SEI nº 4341099

THAIS TORRES DE CARVALHO

DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO AUTOBIOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Artes Visuais Bacharelado da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais.

Orientadora: Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Carvalho, Thais Torres
DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO AUTOBIOGRÁFICO
[manuscrito] / Thais Torres Carvalho. - 2024.
CXIII, 113 f.

Orientador: Prof. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Arte. 2. Fotografia. 3. Autobiografia. 4. Corpo. 5. Beleza. I. Rodrigues, Manoela dos Anjos Afonso, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 24 dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se, às 14h30 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **Do ato fotográfico ao ato autobiográfico**, de autoria de **Thais Torres de Carvalho**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora e presidente da banca, Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez (Centro Universitário Estácio de Goiás) e Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado com correções mínimas**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 24/01/2024, às 21:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JUAN SEBASTIÁN OSPINA ÁLVAREZ, Usuário Externo**, em 25/01/2024, às 06:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 25/01/2024, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4332483** e o código CRC **DE9032CD**.

THAIS TORRES DE CARVALHO

DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO AUTOBIOGRÁFICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito para à obtenção do Título de Bacharela em Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás.

Aprovada em 24/ 01/ 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (Orientadora)
FAV/UFG

Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez (Membro externo)
Centro Universitário Estácio de Goiás

Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (Membro interno)
FAV/UFG

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que colocou em meu coração a vontade e o desejo de iniciar este curso. Menina de periferia, de origem humilde, que muitas e muitas vezes se sentia incapaz de estar na melhor Universidade do Estado, que é a Universidade Federal de Goiás (UFG). Achava que ali não era seu lugar, se sentia inferior, chorava pelos cantos, várias vezes quis desistir, por vezes, por medo e vergonha de fazer um simples seminário. Pensava que todos ali eram melhores, na maneira de falar e expressar.

Morando muito longe da faculdade, em Aparecida, gastava em média seis horas de viagem no transporte coletivo, ida e volta. Acordava todos os dias às 4h30 da manhã para então conseguir pegar o primeiro ônibus que passava às 5h00, a fim de chegar no horário das aulas, às 8h00. Com muito sono e cansada da viagem, muitas vezes não conseguia prestar atenção nas aulas, cochilava.

Nos primeiros semestres, quando ainda não tinha a bolsa alimentação, tinha fome e não tinha dinheiro para pagar o almoço no restaurante universitário (RU), que era muito

barato, mas eu não tinha. Saía mais cedo das aulas para que a fome não apertasse muito e ia pegar o ônibus, tentando chegar em casa o mais rápido possível para comer. E ia sem almoço no ônibus, tentando ser forte. Algumas vezes eu não aguentava e passava muito mal, dentro do transporte público lotado, em pé, minha pressão caía, suava frio, minha vista embasava, perdia as forças. Mas nesses momentos, sempre tinha alguém que me socorria, dando um banco para que eu me sentasse. Deus cuidava de mim.

Em certo momento do curso, em 2020, acabei trancando, com a intenção de não mais retornar para fazer outra coisa da vida, procurar um emprego e viver disso, porque cursar uma graduação na UFG era um fardo pesado demais para carregar. Então, desisti e falei com Deus. Se eu encontrasse algum emprego no período de seis meses, não mais voltaria ao curso e entenderia de vez que aquilo não era para mim. Enviei muitos currículos de emprego, fui chamada para algumas entrevistas, mas era reprovada em todas. Passados os seis meses, nada consegui.

Entendi que a vontade de Deus era que eu retornasse, e, apesar de me sentir inferior e incapaz, é ali que eu deveria estar, e é o propósito e a vontade Dele que eu faça e termine

essa graduação.

Então, no primeiro semestre de 2021, fiz minha matrícula e retornei ao curso de Artes Visuais.

Nessa reta final (2023/1 e 2023/2), muitos foram os problemas e obstáculos que tive que lidar. Tive pedras na vesícula e precisei passar por uma cirurgia logo no início de 2023. Ainda me recuperando, meu esposo sofre um acidente grave no trabalho em abril e fica internado, lutando pela vida. Tive que ser sua companhia no hospital, enfrentando muito sofrimento e noites em claro.

Com tudo isso, ainda tinha que pensar no TCC, nas aulas da faculdade, em ir às aulas para não ser reprovada por faltas. Após isso, crises de ansiedade eram constantes. Choro, tristeza, dor, agonia. Todos esses sentimentos me perseguiram, tudo para me fazer desistir. Mas nessa reta final, apesar de todas as atribulações, fiquei firme. E cá estou.

Estou aqui finalizando um propósito. Acredito que minha história pode ajudar outras pessoas, e a história da minha vida que trago neste trabalho, através de relatos, acreditem, não saiu simplesmente da minha cabeça, não. Saiu de dentro do meu coração, desse desejo ardente de contar o que aconteceu comigo. Deus quis que eu escrevesse e contasse isso. Para

desmistificar as mentiras que são contadas, especialmente às mulheres, sobre como seus corpos devem ser.

E o que eu achava que era impossível está acontecendo. Encontrei na Universidade um espaço para ser ouvida, mesmo me sentindo insignificante. A menina tímida, de origem simples e com base escolar muito ruim, está agora aqui, terminando sua graduação e contando sua verdade ao mundo. Em uma jornada que até o momento foi a mais difícil de sua vida, agradeço a Deus por ter me deixado de pé e por ter me dado forças quando eu não tinha.

Agradeço também ao meu esposo, Ricardo Rodrigues, pelas motivações diárias, pelo incentivo financeiro e por ter mantido nossa casa para que eu pudesse estudar. À minha querida e amada mãe, Francisca Adriana Torres, que é minha força e motivação todos os dias e que sempre ora a Deus por mim. Ao meu pai, que me deu o primeiro impulso para iniciar o curso.

À minha querida irmã, Thamyris Torres, pelos conselhos, pelo incentivo contínuo para eu continuar os estudos e por me dar forças para não desistir desta graduação.

À minha orientadora, Manoela Afonso, pela disposição no apoio da construção deste trabalho, sou muito grata por tê-

la comigo, suas orientações foram de extrema relevância para mim, desde anos atrás sonhava que você me orientasse, e assim Deus te colocou para realizar esse meu desejo, obrigada.

Neste momento de agradecimento, sinto-me abençoada e grata por cada pessoa e cada experiência que fez parte desta jornada. Este trabalho de conclusão de curso representa o resultado de anos de esforço, aprendizado e dedicação, e sou grata por cada desafio enfrentado, pois eles moldaram a pessoa que me tornei.

Por fim, quero agradecer a todos os professores e profissionais do curso de Artes Visuais Bacharelado, que compartilharam seu conhecimento, experiência e paixão pela arte. Cada ensinamento recebido contribuiu para o meu crescimento artístico e me proporcionou uma base sólida para desenvolver meu trabalho.

Que esta pesquisa possa ser uma expressão genuína do meu amor pela arte e uma contribuição significativa para a comunidade artística e para todas as mulheres.

RESUMO

Neste trabalho, investigo minha prática artística em fotografia como parte de um processo de libertação, considerando minha experiência cotidiana desde a infância, de menina, adolescente e mulher fora do padrão. Com muitos pelos espalhados pelo corpo, sempre passei pelo julgamento das pessoas, minha aparência foi motivo de exclusão nos grupos de meninas que se formavam em sala de aula, e para ser aceita era preciso ser bela, a aparência era motivo de crítica, e desde muito cedo descobri isso. Em uma abordagem autobiográfica e de autorrepresentação do meu próprio corpo, busco na fotografia quebrar as amarras que foram impostas pela sociedade e ao mesmo tempo incentivar outras mulheres a se livrarem dos ciclos de opressão. Assim, faço do ato fotográfico um ato autobiográfico que busca emancipar minha autoimagem.

Palavras-chave: Arte, Fotografia, Autobiografia, Corpo, Beleza.

ABSTRACT

In this work, I investigate my artistic practice in photography as part of a liberation process, considering my daily experience since childhood, as a girl, teenager, and woman outside the norm. With a lot of hair spread across my body, I always faced people's judgement, my appearance was a reason for exclusion in the classroom groups of girls, to be accepted you had to be beautiful, your appearance was a reason for criticism, and since a long time I soon discovered this. In an autobiographical and self-representation approach to my own body, I seek in photography to break the bonds that have been imposed by society and at the same time encourage other women to free themselves from cycles of oppression. Thus, I make the photographic act an autobiographical act that seeks to emancipate my self-image.

Keywords: Art, Photography, Autobiography, Body, Beauty.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Retrato (1995) . Autor desconhecido. Fotografia impressa.....	29
Figura 2 - Retrato (2003) . Foto de Francisca Adriana, minha mãe. Fotografia impressa.....	30
Figura 3 - Retrato (2007) . Foto de Francisca Adriana Torres. Fotografia impressa.....	40
Figura 4 - Convite de Formatura (2011) . Autor desconhecido.	41
Figura 5 - Sem título . Série: Pele - Thaís Torres.....	44
Figura 6 - Sem título . Série: Pele - Thaís Torres.....	44
Figura 7 - Sem título . Série: Pele - Thaís Torres.....	45
Figura 8 - Sem título . Série: Pele - Thaís Torres.....	45
Figura 9 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.....	48
Figura 10 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.....	48
Figura 11 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.....	49
Figura 12 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.....	49
Figura 13 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.....	50
Figura 14 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.....	50
Figura 15 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.....	51
Figura 16 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.	51
Figura 17 - HQ: Se Esconda -Thaís Torres.	52
Figura 18 - HQForismo . Thaís Torres.....	54
Figura 19 - Ana Paula . Foto de Marcela Guimarães.....	60
Figura 20 - Ana Paula . Fotografia de Marcela Guimarães...	61
Figura 21- Amanda Buttler . Retrato	64
Figura 22 - Amanda Buttler . Detalhe, parte inferior do corpo	64
Figura 23 - Beatriz Vivanco . Retrato	65
Figura 24 - Foto com reflexo no espelho	65
Figura 25 - Maria Laura . Retrato.....	66
Figura 26 - Maria Laura . Detalhe da parte inferior do corpo.	66
Figura 27 - Capa do fanzine: Mulheres Adultas têm pelos . Marcela Guimarães.....	68
Figura 28 - Cenário para as fotos . Thaís Torres. Fotografia digital. Acervo pessoal. 2023	75
Figura 29 - Banho de Lua . Da série: Kit de Beleza Feminino.	80
Figura 30 - Pinças e Tesouras . Da série: Kit de Beleza Feminino.	81
Figura 31 - Aparelho de Barbear . Da série: Kit de Beleza	

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
RESUMO
ABSTRACT
LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO	17
MENINA	23
BLUSA COM LANTEJOULA	24
JOVEM MULHER	34
PÊLO DE MACACO	35
PELE	42
SE ESCONDA	46
HQFORISMO	53
MMXVIII	55
MARCELA GUIMARÃES	58
DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO AUTOBIOGRÁFICO	69
FAMÍLIA	70
KIT DE BELEZA FEMININO	75
DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO AUTOBIOGRÁFICO	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103

REFERÊNCIAS	105
REFERÊNCIAS CONSULTADAS E NÃO CITADAS	107
APÊNDICES	108
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade investigar a minha prática em fotografia a partir de um olhar crítico que lanço à cultura da beleza feminina, que resulta num processo artístico de libertação da minha imagem por meio da criação de autorrepresentações emancipadoras à medida que faço do ato fotográfico um ato autobiográfico que questiona as opressões impostas aos corpos femininos. Parto de minha experiência cotidiana desde a infância, como menina, adolescente e mulher fora do padrão. Portanto, este texto é escrito em primeira pessoa e apresenta relatos de experiências pessoais que fundamentam o debate que aqui proponho, bem como apresenta reflexões acerca de trabalhos artísticos relevantes que desenvolvi ao longo do meu percurso como estudante do curso Artes Visuais Bacharelado.

Com muitos pelos espalhados pelo corpo, passei constantemente pelo julgamento das pessoas. Minha aparência foi motivo de exclusão nos grupos de meninas

que se formavam em sala de aula. Para ser aceita, era preciso ser bela, a aparência era motivo de crítica, e desde muito cedo descobri isso.

O que é ainda mais instigante, foi perceber que nossas identidades devem ser baseadas em nossa beleza, de tal maneira que ainda continuaremos vulneráveis à validação externa, e a nossa autoestima, esse órgão sensível e importante, fica exposto a todos (Wolf, 2018). É preciso ser eternamente bela para conquistar o amor e a felicidade; a feiura está cruelmente associada ao mal, e quando o infortúnio recai sobre as feias, não se sabe se o destino os castiga por seus crimes ou por sua feiura (De Beauvoir, 1975).

Retratar em grande quantidade a mulher moderna como uma “beldade” é uma contradição. Enquanto a mulher moderna se desenvolve, exprimindo e mudando a sua individualidade, como o mito da beleza sustenta, a beleza é por definição inerte, genética e atemporal. O fato de essa alucinação ser importante e deliberada fica evidente na forma pela qual a beleza contradiz de forma muito direta a verdadeira situação das mulheres (Wolf,

2018). Desde a infância somos expostas a influências e padrões de beleza, através da mídia, da família e dos ambientes que frequentamos, nosso repertório mental é bombardeado por imagens, nossa mente e nossa psique tentam assimilar tudo para que possamos nos encaixar.

A partir dos primeiros julgamentos que enfrentei aos nove anos de idade, devido aos pelos no meu corpo, deparei-me com um dilema mental sobre o que seria considerado certo ou errado. Surgiram perguntas sobre o motivo pelo qual nasci daquela forma. Se não era considerado adequado para uma menina ser peluda, por que eu era assim? Seria um castigo? Por que aqueles pelos indesejáveis estavam presentes em mim? Foi a partir desse momento que meus problemas se iniciaram.

Não ser aceita devido à aparência é algo extremamente doloroso e traumático, especialmente para uma criança. À medida que cresci e me deparei cada vez mais com situações que reforçaram essa ideia, foi simplesmente terrível. Gradualmente, começamos a acreditar que todos aqueles julgamentos são verdadeiros e que todos estão certos.

Sempre que meus pelos ficavam à mostra e alguém os via, na maioria das vezes também mulheres, eu era alvo de um forte julgamento, de um aspecto negativo. As neuroses da vida moderna em um corpo feminino se propagam de mulher para mulher em ritmo epidêmico, diz Wolf (2018). Instintivamente, a natureza selvagem sabe resistir e aguentar, às vezes com elegância, às vezes sem muito estilo, mas resistindo assim mesmo (Estés, 1994).

As perguntas que me motivam a desenvolver este trabalho são “qual a relação entre a cultura da beleza e a construção estética do corpo feminino? Pode a prática artística em fotografia ser um processo para a quebra do tabu?” Partindo dessas perguntas, desenvolvo este trabalho com experimentações em fotografia me colocando em evidência, com partes do meu corpo à mostra, minha paisagem corporal, com todos os seus pelos, em diálogo com artistas e teóricos, que também constroem seus pensamentos a partir das mesmas ideias.

Levando em consideração o atual cenário sobre a

questão da beleza e a construção estética do corpo feminino, este estudo tem por motivação meu interesse pessoal de entender o motivo da cultura de massa estabelecer um padrão em relação ao corpo da mulher e como eu, artista, posso utilizar dos recursos que tenho para criar contradiscursos. O estudo justifica-se também pelo meu interesse pessoal em questões familiares e parentais, em que os pelos do meu corpo foram colocados em evidência, como sendo algo feio, errado e não natural para uma pessoa do sexo feminino. Uma vez que o pessoal é político, acredito que minha pesquisa pode se somar a tantas outras que reivindicaram, através da arte, o direito à existência e autonomia dos nossos corpos.

Além das razões apresentadas, uma em especial foi o gatilho para esta pesquisa: minha vivência escolar nos ensinos fundamentais e médio, em um colégio público, no bairro de periferia, na cidade de Aparecida de Goiânia, entre os anos 2003 e 2011, onde fui vítima de preconceito na infância e adolescência pelo motivo tosco de simplesmente ser uma menina com pelos no

corpo. O meu lado feminino foi questionado.

Os problemas relacionados a essa cultura da beleza na construção estética do corpo feminino vão desde a dificuldade de autoaceitação do corpo, de mulheres que, assim como eu, têm algo em seu corpo que não é considerado belo. O aborrecimento com os comentários maldosos recebidos por parte da sociedade, familiares, conhecidos, colegas. O transtorno de ter que se adequar para agradar as pessoas e assim se sentir aceita, as dores que foi preciso enfrentar para retirar os pelos com métodos abrasivos, no caso das mais peludas, como eu. Viver no dilema entre ser bonita ou feia o obstáculo de ser você mesma em uma sociedade midiática que impõe padrões levando até a necessidade de se esconder para não ser exposta e ter seu corpo em evidência.

Sou uma profissional de fotografia desde 2018 e presto serviços no segmento de ensaios externos; portanto, a fotografia é a minha linguagem. As fotografias de mulheres ocupam esse lugar que é muito caro, como vemos no Instagram e TikTok, por exemplo,

trazendo a construção da imagem do corpo da mulher perfeita. Sobretudo agora, com a inteligência artificial, que continua mascarando e trazendo ainda mais forte essa opressão a uma forma que se espera do corpo feminino.

Na relação entre o feminismo e a arte, encontramos muitas mulheres das décadas de 50, 60, 70, e assim por diante, que produzem trabalhos artísticos justamente nessa perspectiva de questionamento do patriarcado. Existem muitas artistas conscientes de que, na interseção entre arte e feminismo, estão produzindo trabalhos que contestam as opressões.

No meu caso, proponho-me a fazer uma reflexão sobre o ato fotográfico como um ato autobiográfico de empoderamento na construção de imagens de autorrepresentação, que contestam as opressões do patriarcado. Foco, de maneira muito específica, na relação com o corpo, mais precisamente, na relação com os pelos no corpo da mulher.

Enveredando para o campo da fotografia, além de

eu estar realizando os ensaios profissionais, atendendo ao padrão de beleza, acabo criando um nicho de trabalho próprio, que é o segmento de empoderamento. Uso-me como esse primeiro exercício na prática fotográfica autobiográfica.

Dessa forma, o presente trabalho partiu da necessidade de entender como a cultura da beleza feminina pode impactar direta ou indiretamente as mulheres que enfrentam os mesmos problemas. Ele é relevante para a minha prática para discutir o processo fotográfico como meio de pensar e questionar a representação universal desse corpo feminino construído a partir de um regime patriarcal e um sistema capitalista. Além disso, estimula a tomada de consciência sobre a importância da autoaceitação e busca gerar uma mudança psíquica para quebrar as correntes que nos prendem aos ciclos de opressão.

De maneira geral, o objetivo desta pesquisa é convocar a minha vivência e os meus trabalhos em fotografia para refletir sobre a cultura da beleza e suas relações com a construção estética do corpo feminino.

De forma mais específica, busco traçar o perfil padrão da estética do corpo feminino apresentado na história e nas mídias com ênfase na cultura da beleza; busco descrever os principais problemas enfrentados pelas mulheres quando renunciam o que é culturalmente belo e apontar estratégias visuais para a quebra desse tabu estético a partir do processo artístico fotográfico, que é autobiográfico.

Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem teórico-prática. A prática artística foi realizada com processos experimentais em fotografia com pós-produção digital.

Para a construção da análise sobre a estética do corpo feminino presente no tema geral, foram elencadas a análise de conteúdo de obras bibliográficas, artigos científicos sobre o tema além de relatos sobre fases da minha trajetória como mulher em uma abordagem autobiográfica, e estudos de obras artísticas de cunho fotográfico.

A pesquisa foi realizada durante o primeiro e segundo semestres do ano de 2023, por meios eletrônicos, através de

sites de busca como o Google Acadêmico, e Portal de Periódicos Capes. Foram usados como bases bibliográficas os livros *O Mito da Beleza*, de Naomi Wolf, *Mulheres que correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, *O Segundo Sexo*, de Simone De Beauvoir. E para entender melhor a abordagem prática foram utilizados como referenciais os seguintes livros: *Sobre Fotografia*, de Susan Sontag, *O Ato Fotográfico*, de Philippe Dubois, *A Fotografia como Arte Contemporânea*, de Charlotte Cotton. E como referencial artístico foi usado como base o zine criado pela artista Marcela Guimarães, que trata de um projeto fotográfico com o título *Mulheres Adultas Têm Pelos*, que aborda a cultura da depilação, com fotografias e relatos de diferentes mulheres.

Por fim, para realização da parte prática, foi utilizada uma câmera fotográfica da marca Canon, com lente 18 mm e um smartphone para a captação das fotos. Utilizei também um programa de edição e tratamento de imagens, o *Lightroom* na versão para desktop.

Se fez necessário o auxílio de uma pessoa para realizar algumas fotos, que foi definido no decorrer do trabalho. Foram feitos retratos que evidenciaram meus pelos corporais, algo

que esteticamente não é usual para mim. Os retratos são apresentados na forma final impressas em tamanho 21 cm, para apreciação e análise visual.

Este trabalho se divide nas seguintes partes: O primeiro capítulo começará com uma narrativa pessoal de um evento ocorrido durante minha infância, explorando a noção de como a pressão estética se inicia na fase inicial da vida, embasada pelas obras das autoras Estés (1994) e Beauvoir (1975). No segundo capítulo, continuarei a análise baseada nas ideias de Beauvoir e Estés, destacando a pressão enfrentada pelas mulheres durante a adolescência. Neste capítulo, intitulado *Jovem Mulher*, abordarei três obras que desenvolvi durante a faculdade e que desempenharam um papel crucial em minha jornada acadêmica: a série fotográfica *Pele*, a história em quadrinhos *Se Esconda* e o HQ *Forismo Não tenha vergonha de ser você mesma*. Além disso, apresentarei o texto intitulado *MMXVIII (2018)*, onde discutirei meu percurso no mercado fotográfico, influenciado pela autora Susan Sontag, e discorrerei sobre como a fotografia transcende a mera representação da realidade. Concluirei este capítulo introduzindo a artista fotográfica Marcela Guimarães, cujas

imagens desafiam os conceitos convencionais de beleza, destacando mulheres que celebram a autenticidade de seus corpos.

No último capítulo, abordarei a influência da família nas expectativas relacionadas aos padrões estéticos corporais, utilizando relatos pessoais para ilustrar como essas pressões se manifestaram em relação aos pelos do meu corpo. Para embasar essa discussão, me basearei nos conceitos das autoras Ana Lúcia de Castro, explorando o culto ao corpo, e Naolmi Wolf, enfocando na pressão que restringe as mulheres.

Por fim, no texto *Do ato fotográfico ao ato autobiográfico*, explorarei como minha prática fotográfica transcende a mera captura de imagens, tornando-se um ato autobiográfico que desafia os padrões de beleza. Apoiando-me nos escritores Dubois e Cotton, discutirei o papel da fotografia na quebra de tabus e no redescobrimiento do meu próprio corpo. Finalizando em seguida com minhas considerações finais.

MENINA

BLUSA COM LANTEJOULA

É 2009, fim de tarde, um dia qualquer, minha mãe chega do serviço e traz com ela um saco enorme de roupas que havia ganhando de sua patroa. Ah, que alegria! Me empolgo para ver o que tinha dentro. Dentre tantas peças de roupas encontro uma blusinha cor-de-rosa, como é linda! É de um rosa bebê, de alcinhas e atrás dela tem algumas tirinhas, nas costas, iguais às das alças. Na frente, tem algumas lantejoulas em tom rosa-azulado, formando um cinturão que se estendia de um lado ao outro. A parte de baixo da blusinha tinha um formato de V e parecia ser um pouco curta para mim.

Tento vestir em mim, deu certo, ela coube. Ficou um pouco apertada e um pouco curta, uma parte da minha barriga ficou à mostra. Mas é tão linda...

nunca tive uma blusa assim, vou ter que usar para ir à escola. Amanhã estarei linda, as outras meninas vão me elogiar muito. Mal vejo a hora de chegar amanhã!

Finalmente, é hoje. Vou usar a minha nova blusa. Vou tomar banho, almoçar e me vestir o mais rápido que posso, tô tão empolgada. Tomo banho, almoço e visto minha linda blusinha cor-de-rosa. Espero ansiosa pelo horário de ir à escola. É meio-dia e meia, está na hora, é agora. Pego minha mochila, coloco nas costas e saio a caminho da escola, sei que logo mais, na rua, encontrarei com as outras meninas que estudam comigo. Elas vão reparar na minha blusa, vão me elogiar muito.

No meio do caminho, como de costume, encontrei com Isa e Nathalia¹. Digo oi para as duas e caminho

ao lado delas. Com a mochila nas costas, praticamente invisível. Em certo momento, enquanto elas conversavam entre si, paro para pegar algo na minha mochila, coloco na frente do meu corpo. Quando parei, as duas meninas começaram a me observar de forma negativa e estranha.

Com um olhar de espanto e uma expressão de horror, Isa começa a me tratar como um animal, como se eu fosse uma criatura de outro mundo. Os pelos das minhas costas ficam em evidência, ela começa a questionar por que eu sou tão peluda. Rapidamente, Nathalia se junta a ela e começa a me olhar da mesma forma, concordando com tudo o que Isa dizia sobre mim. Fico completamente triste, em choque. Sem saber como me defender ou o que dizer, eu simplesmente fico em silêncio.

¹ Isa e Nathalia são nomes fictícios, aqui optei por ocultar os nomes reais.

Elas se viram para trás de mim e começam a me analisar minuciosamente, examinando cada centímetro das minhas costas com os pelos. Permaneço imóvel. Sinto vergonha. Afinal, por que aqueles malditos pelos estavam em mim? Pensei que seria um dia especial, que talvez receba elogios pela blusa que estava usando. Ao contrário, por conta dessa roupa, dessa blusa, acabaram vendo meus defeitos, meus pelos. Estou com vergonha, não sei o que dizer.

Respondo para Isa e Nathalia que sou assim desde que nasci, que sempre fui peluda mesmo. E elas continuam a dizer palavras de espanto. E que nunca viram isso em alguém e que não eram assim, e que isso é estranho, em tom de zombaria. Fico calada. Deixo as duas continuarem falando dos meus pelos. Quando percebo que perderam o interesse comigo e vendo que começaram a caminhar em frente, eu coloco

de novo a mochila nas minhas costas. Dessa vez para tentar me cobrir de vez. Torcendo para que ninguém mais me veja na escola.

Começo a andar, tento fingir que aquilo não me afetou em nada, mas por dentro me sinto a pior pessoa do mundo, vontade de chorar. Uma mistura de muita tristeza, vergonha e até raiva de mim mesma. Arrependimento por ter vestido aquela blusa. Aquilo foi o pior momento da minha vida até então. A partir disso tomo a decisão de me esconder. Cobrir e me esconder é a solução para não ser mais criticada por ninguém.

Passei a tarde muito mal dentro da sala de aula. Com uma tristeza muito grande. Inexplicável. Não consegui parar de pensar no que a Isa e a Nathalia disseram sobre as minhas costas. Chegando em casa, tiro a blusa rosa do meu corpo. Com uma

sensação muito ruim e vendo aquela blusinha tão linda percebo que não era para mim. Eu não era o tipo de menina que poderia vestir uma roupa como aquela. Não eu. Guardo-a em uma gaveta do guarda-roupa e desde então eu nunca mais a usaria. Me restava apenas me cobrir, aceitar que a beleza não era para todas. E que pena que eu nasci desse jeito, com tantos pelos.

No dia seguinte, sem nenhuma animação, retiro uma roupa qualquer do guarda-roupa. Dessa vez tomando cuidado para escolher alguma peça que cubra muito bem as minhas costas. Na escola não quero mais a amizade de ninguém. Me afasto completamente de Isa e Nathalia e também de todos. Eu não tinha a aparência devida e não tinha como mudar isso.

A narrativa anterior é uma parte da minha jornada de

vida e desempenhou um papel importante na construção da minha identidade feminina, de um aspecto negativo. Ainda na infância vi no isolamento uma saída para lidar com as opressões estéticas que foram impostas pelas pessoas do meu convívio social.

Em geral, o isolamento precoce muitas vezes começa sem que a criança tenha qualquer culpa, e é intensificado pela falta de compreensão, crueldade resultante da ignorância ou até mesmo pela maldade intencional dos outros. Isso acaba ferindo profundamente o núcleo básico da mente desde os primeiros anos. Quando isso ocorre, a criança começa a acreditar que as representações negativas de si mesma, recebidas da família e da cultura ao seu redor, não são apenas completamente verdadeiras, mas também estão livres de qualquer preconceito, influência de opiniões ou preferências pessoais. A criança passa a acreditar que é fraca, feia independentemente dos esforços que ela faça para mudar a situação, essa crença persiste, mantendo-se verdadeira aos olhos dela (Estés, 1994).

Nasci em 12 de maio de 1994 na cidade de Goiânia. Desde o meu nascimento eu chamava a atenção das pessoas

pelos pelos no corpo, sendo uma bebê cabeluda (figura 1). Na infância, antes do período escolar, isso era visto como algo "bonitinho" e até "fofo" aos olhos da minha mãe. Quando as pessoas adultas me viam, expressavam certo espanto diante do meu corpo, proferindo frases como: "Nossa, como ela é peludinha!". Eu ficava constrangida com esses comentários, mas não me sentia mal por causa deles. Tudo mudou aos nove anos de idade (figura 2), nas séries iniciais do ensino fundamental. Eu me esforçava para me encaixar e lutava para ser aceita pelas outras meninas, em vão.



Figura 1 - **Retrato (1995)**. Autor desconhecido. Fotografia impressa.
Dimensões: 10x15 cm.
Acervo pessoal.



Figura 2 - **Retrato** (2003). Foto de Francisca Adriana, minha mãe. Fotografia impressa.
Dimensões: 10x15 cm.
Acervo pessoal.

A psicanalista Clarissa Estés afirma que “as meninas que demonstram ter uma forte natureza instintiva muitas vezes passam por sofrimentos significativos no início da vida” (Estés, 1994, p. 218). Ainda pequena eu passei pelo sofrimento da rejeição pela minha aparência, meus pelos eram vistos com horror pelas outras meninas.

“Ser considerada feia ou inaceitável porque nossa beleza está fora da moda atual fere profundamente a alegria natural que pertence à natureza selvagem²” (Estés, 1994, p. 251). Inicialmente, as mulheres enfrentam um conflito entre sua autonomia e a ideia do "outro". Elas são ensinadas que para serem aceitas, precisam procurar agradar, tornando-se objetos; assim são incentivadas a renunciar à sua autonomia (Beauvoir, 1975).

Descobri que era errado para uma menina ser peluda e que isso era coisa de menino. Ao observar as outras meninas da turma via que elas não eram como eu e que não tinham tantos pelos no corpo. Me sentia feia e aceitava tudo com

² “(...) o termo *selvagem* neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora do controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. (...) Pode-se chamar essa poderosa natureza

tristeza.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade (Beauvoir, 1975, p. 21, grifos da autora).

Permaneci passiva a tudo o que as outras meninas falavam, remoendo por dentro. Para Simone Beauvoir a infância da mulher é marcada por regras, obrigações e censuras de imagens e de palavras, ela compreende desde muito cedo o significado das palavras "bonita" e "feia"; desde o início, ela percebe que para ser aceita, é necessário ter uma "imagem bonita" (Beauvoir, 1975).

Aos sete anos de idade, fui matriculada na rede estadual de ensino no Colégio Estadual Pedro Neca³. No meu primeiro ano escolar, enfrentei um grave problema de timidez e dificuldades no convívio social, que seguiu nos anos seguintes.

psicológica de natureza instintiva.” (Estés, 1994, p. 21).

³ Colégio da rede estadual de ensino localizado no bairro Independência Mansões na cidade de Aparecida de Goiânia, Goiás.

Percebi logo nos primeiros anos que ter uma imagem bela significaria criar amizades e ter a atenção de todos.

Em casa, a forma e a imagem do feminino que eu tinha como referência na minha mãe eram completamente diferentes daquelas com as quais eu estava tendo contato na escola. Durante minha infância, meu convívio se limitava à minha família em casa, composta por meus pais e meus irmãos mais novos, Thamyris e Guilherme. Minhas vestimentas sempre consistiam em roupas que cobriam bem o corpo. Minha mãe sempre nos incentivava a vestir calças (principalmente minha irmã e eu), pois ela acreditava que dessa forma evitaríamos expor partes do corpo para que outras pessoas pudessem ver, e que assim evitaria algum tipo de assédio masculino (figura 2).

“Mulher antes da idade, ela conhece cedo demais os limites que essa especificação impõe ao ser humano; chega adulta à adolescência, o que dá à sua história um caráter singular” (Beauvoir, 1975, p. 27). Na infância, aprendemos muitas coisas por meio da observação e do exemplo que recebemos, no colégio comecei a observar e aprender como uma menina deveria ser e se comportar em público. Vivenciei

um choque de realidade ao me deparar com as noções preestabelecidas do que era considerado certo ou errado para uma menina.

Eu me via cheia de defeitos e erros, minha forma de falar e agir era marcada por insegurança. Como falei anteriormente eu não tinha a aparência devida, não me encaixava. Peluda e mal arrumada, me sentia triste e sozinha. De acordo com Beauvoir,

Compreende-se que a preocupação da aparência física possa tornar-se para a menina uma verdadeira obsessão; princesas ou pastoras, é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor e a felicidade; a feiura associa-se cruelmente à maldade, e, quando as desgraças desabam sobre as feias, não se sabe muito bem, se são seus crimes ou sua feiura que o destino pune (Beauvoir, 1975, p. 33).

Após as críticas que recebi de Isa e Nathalia, passei a não aceitar meu corpo como ele era, me sentia inferior às outras meninas que não tinham tantos pelos. Tive vergonha de mim, desse corpo, dessa aparência, não era digna de amizade, não era bela. E “essa vergonha leva a menina a agir com embaraço, a corar a todo instante; esses rubores aumentam-

lhe a timidez e tornam-se eles próprios objeto de fobia” (Beauvoir, 1975, p. 50).

“Embora sua alma exija ver, a cultura ao seu redor exige a cegueira. Embora sua alma deseje exprimir sua verdade, ela é forçada ao silêncio” (Estés, 1994, p. 219). Ainda de acordo com a autora,

Nem a alma da criança, nem sua psique, podem aceitar essa situação. A pressão no sentido de se “adequar”, seja qual for a definição que a autoridade dê ao padrão, pode perseguir a criança até que ela fuja para longe, para um mundo oculto ou para vaguear muito tempo à procura de um lugar para se abrigar e viver em paz (Estés, 1994, p. 219, grifo da autora).

Não satisfeita com minha aparência e sendo atacada pelos mesmos motivos, me refugiei no isolamento. Para Estés (1994), embora apresente seus lados negativos, a psique selvagem consegue enfrentar o isolamento. Isso intensifica o desejo de expressar nossa verdadeira essência e desperta um anseio profundo por uma cultura que esteja em sintonia com essa natureza interna.

JOVEM MULHER

PÊLO DE MACACO

É 2007, manhã de um dia da semana qualquer. Acordei cedo, são seis e meia, preciso escovar meus dentes e vestir minha roupa. A aula vai começar às sete horas; não posso me atrasar. Vou vestir aquela minha calça jeans de sempre, colocar meu tênis e vestir a camiseta.

Agora, vestida pego meus materiais. O caderno, os livros, as canetas e o lápis de escrever, coloco tudo na mochila. Estou pronta, já vou. Mais um dia de aula como todos os outros. No colégio não tenho amigas. Apenas sento na cadeira, fico calada e assisto às aulas. No intervalo entre as aulas, enquanto todos vão ao corredor para conversar, andar entre as salas e ver seus amigos de outras turmas, eu fico sozinha dentro da sala.

Eu não quero ser vista, quero ser invisível, afinal ninguém gosta de mim nesse lugar. Sou feia, não me encaixo com nenhum grupo de meninas. Tenho vergonha de mim.

Hoje, como de costume estou sentada na segunda carteira da fileira, apesar de basicamente não falar com ninguém gosto de prestar atenção nas aulas. Ao meu lado, na fileira de carteiras da esquerda se sentam um grupo de garotas.

Geralmente ninguém repara em mim na turma. Exceto pelos professores, que às vezes me elogiavam pela assiduidade, já que eu nunca faltava às aulas, e pela minha dedicação. Também recebia elogios dos professores por nunca deixar de fazer as atividades ou os trabalhos que eles passavam.

⁴ Vânia é um nome fictício meramente ilustrativo, aqui também optei por ocultar o nome real.

No entanto, nessa manhã, uma das garotas que se sentava na fileira do lado da minha de repente me percebe. Repara em mim. Por eu estar com uma camiseta que não cobria completamente meus braços ela viu meus malditos pelos.

Sentada na terceira cadeira do lado esquerdo, eu na segunda do lado direito. Ela está um pouco mais atrás. Todos da sala estão sentados em suas carteiras. Estou com meus braços sobre a mesa. Ela me chama pelo nome, *“Thaís!”*

Ouvindo Vânia⁴ me chamar, me viro para trás para ver o que queria comigo. Ela olha para mim e diz: *“Nossa Thaís, como seu braço é peludo! Não é Nathalia⁵?”* Novamente, não sei como reagir, nem o que dizer exatamente; assim como na terceira série

⁵ Nathalia é a mesma garota da qual me referi no primeiro capítulo, que havia estudado comigo no ensino fundamental.

do fundamental.

Dou aquele sorriso forçado, sem graça. Coberta mais ainda de vergonha, digo apenas, “pois é”. E ela continua: “São muitos pelos, você deveria descolorir, eles pretos assim fica parecendo pelo de macaco, é muito feio. Os meus nem são tão grandes assim e eu descoloro tudo. Você deveria fazer uma descoloração, ia ficar bem melhor!”. E Nathalia concorda dizendo que ela também descolore seus pelinhos do braço.

Eu continuo sem graça, só me recordo de concordar e dizer que depois também iria descolorir meus pelos do braço. Finjo aceitar e concordar com o comentário para tentar encerrar o assunto. Eu queria enfiar minha cabeça em um buraco, mas não pude. Quanta vergonha de estar ali.

Logo após elas se voltam para suas conversas e

eu me viro novamente para a frente, olhando para o quadro negro. Eu tento assimilar aquilo tudo. Eu me sinto ainda mais infeliz naquele ambiente. Eu não queria ser assim, penso. O que aconteceu comigo na terceira série do fundamental estava se repetindo.

Já em casa e sem contar novamente para ninguém como eu estava me sentindo, tomo uma decisão. Eu tenho só treze anos, ainda não trabalho, não tenho dinheiro para comprar os produtos de descoloração, o que eu faço? Devo me esconder.

Decido então a partir daquele dia cobrir meus braços. A maneira que encontro é usar um blusão de frio para ir todos os dias às aulas de manhã. E continuar com ele até que eu chegue em casa, por volta de meio-dia.

E assim faço no dia seguinte. Sentando na mesma carteira, vestindo um blusão de frio longo, e com a

calça jeans de sempre, para que também não vissem minhas pernas peludas. Fico em silêncio até o horário de ir para casa.

A vergonha é tanta que nem levanto da cadeira para ir ao banheiro. Não consigo nem olhar no rosto de ninguém da sala. Me sentia horrível, mas resistia ali.

O fato anterior aconteceu durante a minha adolescência. Estava no oitavo ano, tinha apenas treze anos de idade. Foi algo que marcou muito minha vida porque após aquele dia as calças jeans e as blusas de frio compridas passaram a fazer parte do meu cotidiano no colégio.

Reverendo algumas fotos antigas encontrei uma desse mesmo ano (2007), figura 3, ela foi tirada em uma viagem de família, para a casa do meu avô, no sertão do estado Piauí. Nela aparece eu e meus irmãos. É possível ver como eu e

minha irmã Thamyris nos vestíamos naquela época. O uso das calças jeans sempre estava presente, principalmente quando íamos sair de casa.

No meu caso, o uso da calça também era uma forma de cobrir os pelos das pernas. Além disso, eu sempre saía de camiseta em vez de blusas para cobrir minhas costas (figura 3), pois não queria mais receber críticas. Percebi também que os meninos não tinham tantas cobranças em relação ao corpo; meu irmão, por exemplo, nunca enfrentou esses dilemas.

Para Beauvoir (1975), todos os elementos reforçam essa hierarquia aos olhos da jovem. Sua formação cultural, sua bagagem literária, as músicas e as histórias que a envolvem destacam grandemente a figura masculina. Essa ideia de superioridade masculina é extremamente marcante e evidente.

Do oitavo ano em 2007 até o final do meu ensino médio em 2011 ainda no mesmo colégio, eu me cobria. Usava as roupas como uma forma de escapar dos comentários maldosos das patricinhas da sala. No meu convite de formatura, na figura 4, é possível ver a maneira como me vestia. Na fotografia tenho 17 anos, e era meu último ano do ensino médio; e dentro de mim um complexo de inferioridade.

E “durante toda a infância foi a menina reprimida e mutilada” (Beauvoir, 1975, p. 66). “Embora as situações sejam inúmeras, um aspecto permanece constante: desde muito cedo elas eram identificadas como ‘diferentes’ com uma conotação negativa” (Estés, 1994, p. 242, grifo da autora). De acordo com Beauvoir (1975),

(...) o mundo define-se sem ela e tem um aspecto imutável. Essa impotência física traduz-se por uma timidez mais geral: ela não acredita em uma força que não experimentou em seu corpo; não ousa (...) revoltar-se, inventar: voltada à docilidade, à resignação, não pode senão aceitar, na sociedade, um lugar já preparado. Ela encara a ordem das coisas como dada (Beauvoir, 1975, p. 69).

“Portanto, é claro que a resposta a “por que comigo, (...), por que sou tão diferente”, é que não há resposta para esse tipo de pergunta” (Estés 1994, p. 242, grifos da autora). Me sentia uma garota sem sorte e não entendia por que havia nascido com tantos pelos; a diferença era gritante.

Durante toda a fase da puberdade, parentes e colegas dos meus pais faziam comentários a meu respeito quando iam até minha casa ou quando me viam, dizendo que eu nunca iria me casar, pois eu não saía, não tinha amigas e era uma

garota tímida.

Meu pai e minha mãe, por sua vez, nunca souberam me defender adequadamente. “Muitas vezes a atitude dos pais contribui para inculcar na menina a vergonha de sua aparência física” (Beauvoir, 1975, p. 50). Então, na maioria das vezes, quando chegava alguma visita, eu corria para o meu quarto para me esconder.



Figura 3 - **Retrato (2007)**. Foto de Francisca Adriana Torres. Fotografia impressa.
Dimensões: 10 x 15 cm.
Acervo pessoal.



Figura 4 - Convite de Formatura (2011). Autor desconhecido.
Dimensões: 10 x 15 cm.
Acervo pessoal.

PELE

Ingressei no curso de Artes Visuais devido ao meu fascínio pela fotografia e pela arte, o qual despertou em mim desde o primeiro contato, mesmo antes de iniciar minha trajetória acadêmica em 2017. No decorrer da graduação tive contato com disciplinas como desenho, pintura, entre outras, e a fotografia foi a técnica que mais me impressionou. Sempre que havia alguma atividade criativa, eu sempre optava por utilizar essa técnica.

Pele (figura 5), é uma série fotográfica que produzi no ano de 2021 para a disciplina de Portfólio⁶ (FAV0679) e também para a exposição de abertura do espaço expositivo online, do Expolab⁷ Virtual. A série foi uma das selecionadas do Edital 2021-001, resultando em uma exposição permanente no site oficial, no Instagram e também no Youtube⁸.

Na ocasião o texto que foi divulgado para informar sobre

o meu trabalho foi seguinte:

A obra *Pele* é uma série de fotografias digitais de partes do corpo humano em preto e branco. A ideia principal por trás do trabalho é capturar as nuances da pele, com suas imperfeições e relevos, mostrando a oleosidade, os pelos, verrugas, manchas, coisas que todas as peles possuem mais que geralmente não são mostradas e nem evidenciadas em fotos tradicionais (Torres, 2021).

A motivação por trás deste trabalho surgiu das experiências negativas que tive em relação à minha pele, devido ao meu excesso de pelos. Durante a infância e adolescência, senti a necessidade de me cobrir. Por meio da minha prática fotográfica, busco curar esse trauma. Usando a fotografia como processo de descobrir o corpo, confrontando as “imagens bonitas”.

Inicialmente, a ideia da obra era fotografar o meu próprio corpo, exibindo minhas imperfeições, meus pelos e minha paisagem corporal. No entanto, devido à vergonha de me

⁶ Disciplina ministrada pelo professor Vinícius Borges Figueiredo (2021 .1 - TA).

⁷ “O ExpoLab é um Espaço Expositivo de fomento à produção, reflexão, ação e experimentação referentes às práticas artísticas dos alunos da FAV” (Expolab, 2021).

Disponível em: <https://expolab.wixsite.com/expolab/2021> . Acesso em: 04 dez. 2023.

⁸ A obra está disponibilizada em vídeo no canal do youtube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=WS2LpcgRzJc>

expor, acabei mudando de ideia e fotografando meu esposo, um homem com muitos pelos. A figura masculina não sofre com as mesmas pressões dos padrões impostos às mulheres. “É em grande parte a angústia de ser mulher que corrói o corpo feminino” (Beauvoir, 1975, p. 70).

Figuras 5,6,7 e 8 - **Sem título**. Série: Pele - Thaís Torres
Fotografia Digital
Fonte: Acervo pessoal
2021



Figura 5 -

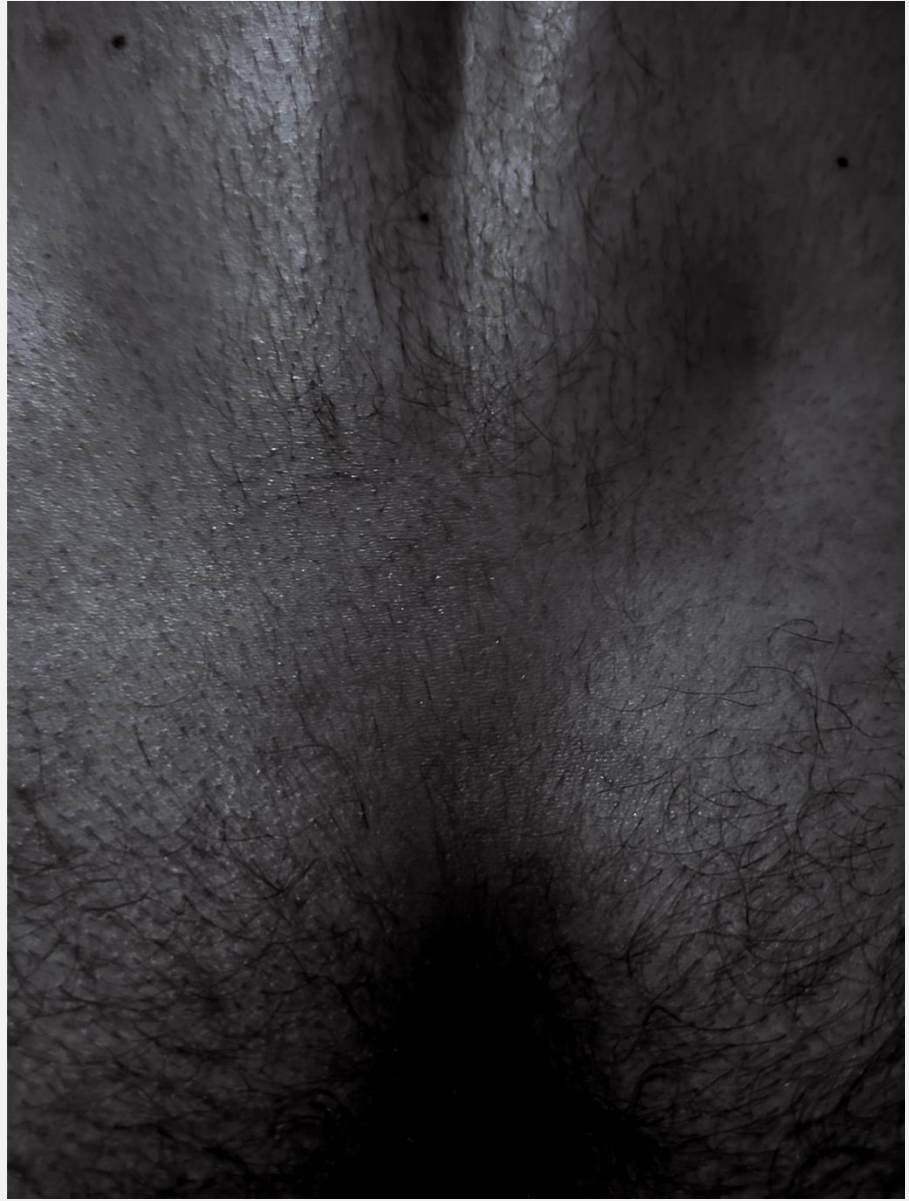


Figura 6



Figura 7



Figura 8

SE ESCONDA

No final de 2021 e início de 2022, tive a oportunidade de cursar a disciplina optativa de Tópicos em Arte: Histórias em Quadrinhos de Autor (FAV0665), ministrada pelo professor Edgar Silveira Franco, na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Durante esse período, pude criar uma história em quadrinho autoral.

Para o professor Dr. Edgar,

Essas HQs se caracterizam por refletirem o ideário do autor. Além disso, exploram o potencial da linguagem dos quadrinhos; apresentam traço pessoal, narrativas mais complexas e, geralmente, são desenvolvidas por um único autor que escreve o roteiro e se encarrega dos desenhos (FRANCO, 2015, p. 46).

Ao pensar em como faria a obra autobiográfica, surgiu em mim o desejo de revisitar uma memória de infância, e daí surge a história em quadrinho (HQ) *Se Esconda*.

A HQ *Se Esconda* (figura 9) narra um fato verídico que aconteceu comigo aos nove anos de idade, uma criança que recebe críticas duras de suas colegas de classe por ter pelos nas costas, e a partir disso tem pensamentos perturbadores e

toma uma decisão. A história retrata a dor e o sofrimento de uma criança que tem suas expectativas em relação às pessoas jogadas no lixo, a crueldade de como ela é tratada a transforma. O acontecimento narrado tem apenas três personagens ursas, onde a principal tem seu nome verdadeiro mantido, e as demais têm nomes fictícios. O objetivo geral da história é mostrar como as palavras machucam e ferem de forma permanente, principalmente na fase de formação de identidade feminina, na infância.

Para criação dessa HQ me deparei com uma dificuldade enorme na parte estética, criativa, pelo fato de não saber desenhar bem. Então, essa dificuldade se transformou em algo original, uma vez que utilizei a linguagem da fotografia para produzir a história em quadrinhos; inclusive, fui a única da turma a usar essa técnica, fugindo dos desenhos e ilustrações que são usados normalmente nos quadrinhos.

Seguindo as orientações recebidas decido seguir a ideia de utilizar brinquedos para dar vida aos personagens. Como não possuía nenhum tipo de brinquedo em casa, fui à casa da minha irmã, que tem crianças pequenas, e trouxe um saco enorme com brinquedos variados, como ursos e bonecas, entre outros.

Optei por escolher os ursinhos de pelúcia para a minha história, selecionando aqueles com tamanhos parecidos, mas diferentes entre si. O segundo passo foi montar o cenário. Escolhi um lençol marrom para compor o fundo e o chão da história. Realizei a montagem em cima de uma mesa, próxima a uma janela para aproveitar a luz natural. Posteriormente, posicionei os personagens e os fotografei, quadro a quadro, de acordo com o roteiro previamente escrito.

Para as fotografias, utilizei uma câmera *Canon T3*⁹, com a lente 18-55 mm. Configurei a câmera no modo manual, ajustei as configurações padrão e capturei as imagens. Após fotografar todos os quadros, até mesmo tirando mais fotos do que o necessário, transferi todas as imagens para o meu computador.

Em seguida, utilizei o programa de edição de imagens, o *Lightroom*¹⁰ para aprimorar as fotos. Após finalizar toda a edição, fiz o upload das fotografias para o site do *Canva*¹¹. Lá, criei a arte final adicionando balões, falas, quadros e outros

⁹ A Rebel T3 é uma câmera semiprofissional da Canon. Modelo de DSLR, ela foi lançada em 2011. **Fonte:** <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/canon-rabel-t3/> acesso em: 01 fev. 2024.

¹⁰ O *Lightroom* é um aplicativo de edição de fotos desenvolvido para fotógrafos. Ele possui ferramentas que permitem editar, organizar,

elementos necessários para completar a história em quadrinhos.

Nas páginas seguintes é possível apreciar a obra na íntegra, nas figuras 9 até 17. O trabalho também está disponível no blog da turma de Tópicos de Arte: HQ de Autor¹².

Figuras 9 até 17 - HQ: **Se Esconda** -Thaís Torres
Fotografia Digital
Fonte: Acervo pessoal
2022

armazenar e compartilhar fotos.

¹¹ O *Canva* é uma plataforma online de design e comunicação visual. **Fonte:** https://www.canva.com/pt_br/about/ acesso em: 12 jan. 2024.

¹² Link do blog da turma: <https://hqdeautor.blogspot.com/>



Figura 9



Figura 10

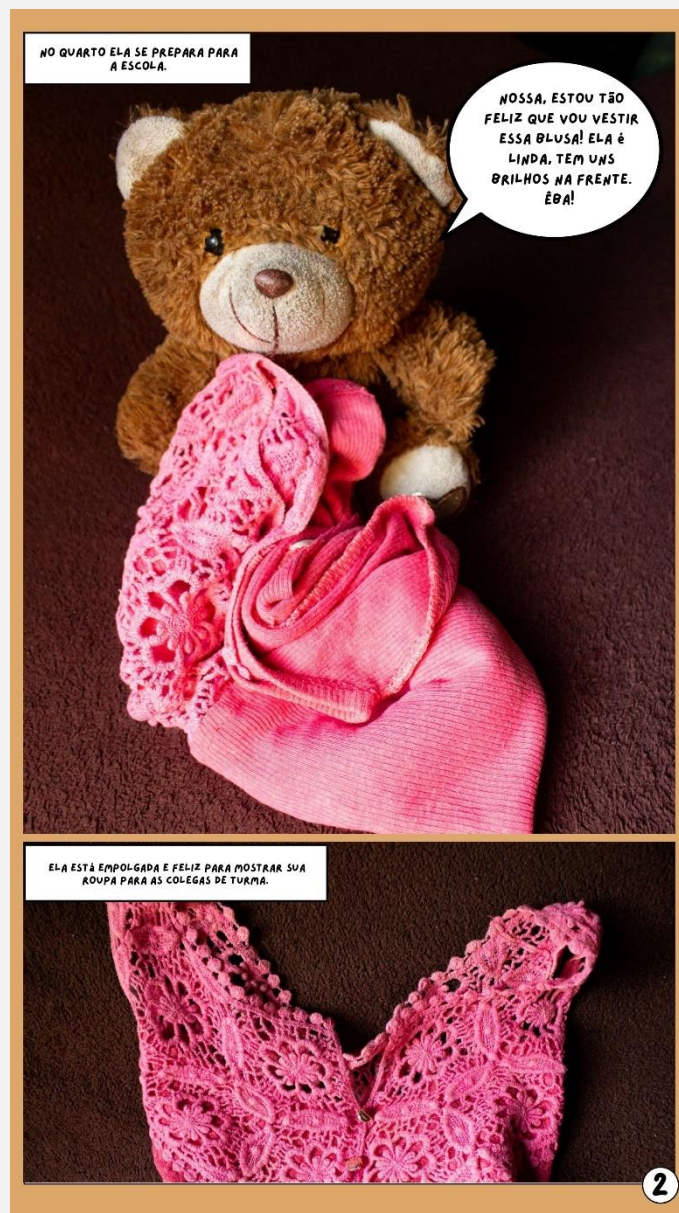


Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

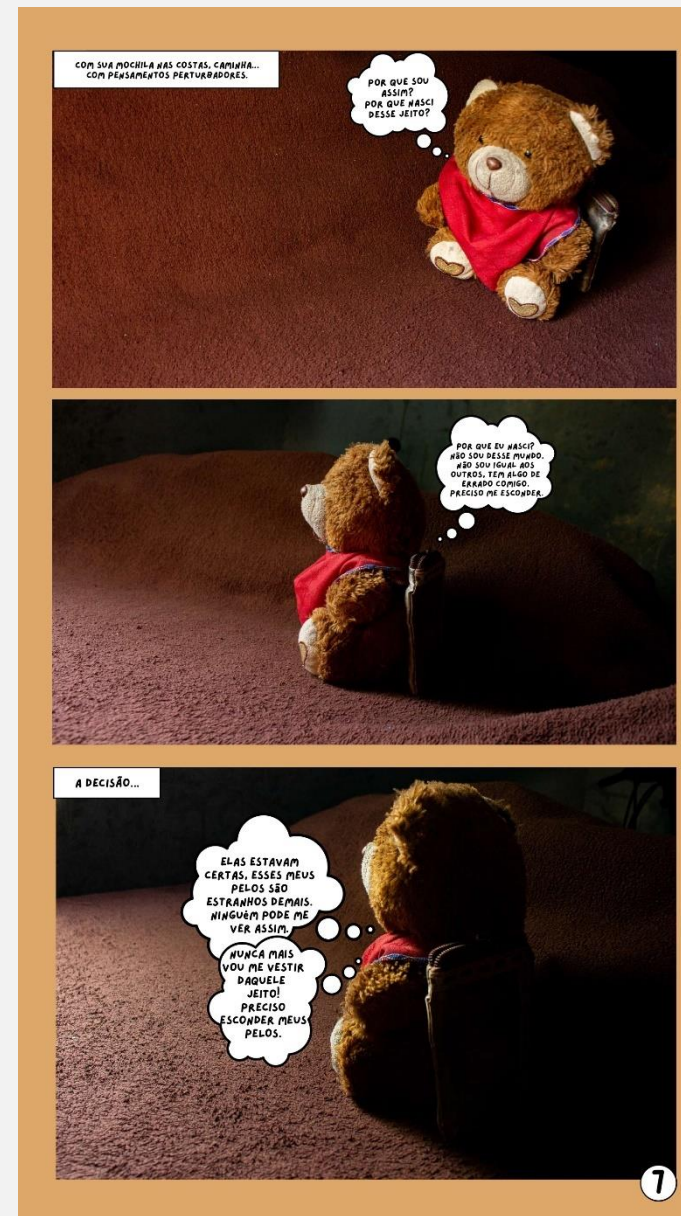


Figura 16

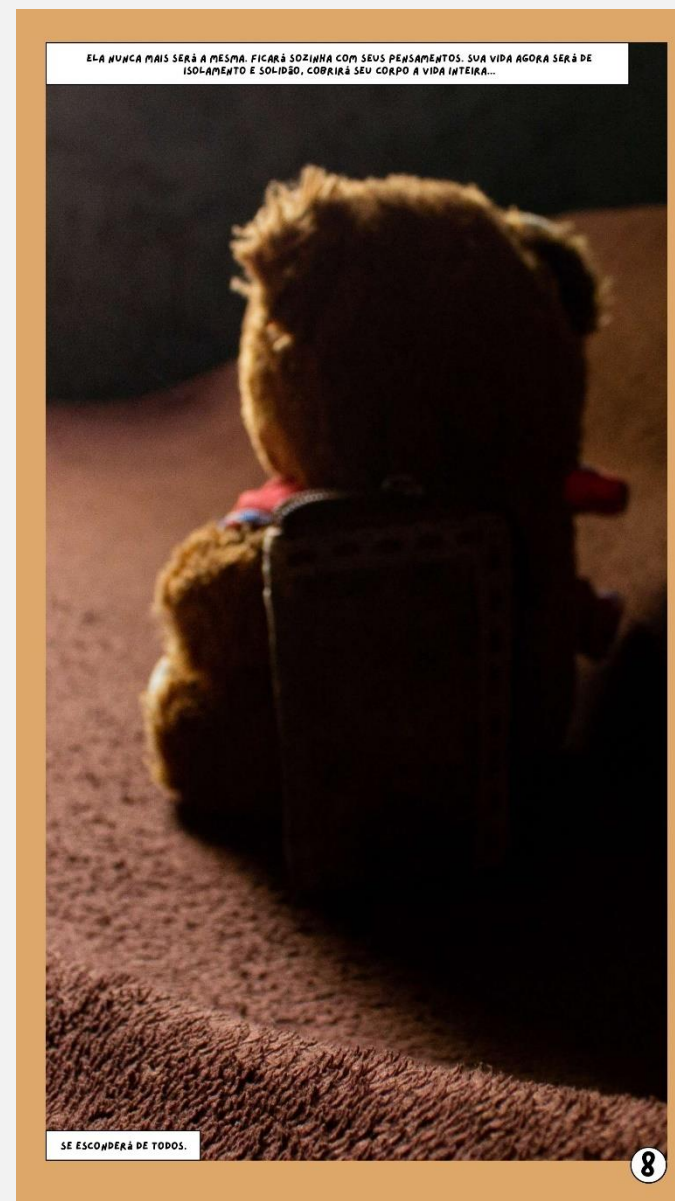


Figura 17

HQFORISMO

Os HQforismos são uma convergência entre a linguagem das histórias em quadrinhos (texto e imagem) e os aforismos¹³, combinando elementos poético-filosóficos. O que os torna distintos das outras HQs com abordagem poético-filosófica é sua apresentação em uma única imagem ou desenho, acompanhado por um texto de natureza aforística. Esta forma de expressão visual constitui uma narrativa contemporânea que se adapta de maneira eficaz aos novos formatos digitais devido à sua capacidade de ser lida e absorvida rapidamente, integrando-se perfeitamente ao dinâmico fluxo das redes digitais, facilitando assim a sua disseminação (Ciberpajé, 20--?] século provável).

A obra de Hqforismo *Não tenha vergonha de ser você mesma* (figura 18) também foi realizada na disciplina de Tópicos em Arte. A ideia era combinar imagem e texto em um

¹³ Aforismo: *substantivo masculino*. Máxima ou sentença que, em poucas palavras, explicita regra ou princípio de alcance moral; (...); texto curto e sucinto, fundamento de um estilo fragmentário e assistemático na escrita filosófica, ger. relacionado a uma reflexão de natureza prática ou moral. Fonte: Dicionário do google/ Definições de *Oxford Languages*. Link: <https://www.google.com/search?q=o+que+%C3%A9+aforismos&oq=o+qu>

único quadro. Para desenvolver isso, utilizei a linguagem fotográfica.

Refletindo sobre minha vida e história pessoal, decidi fotografar meus braços com pelos. Escolhi acompanhar a imagem com a seguinte frase no HQforismo: '*Não tenha vergonha de ser você mesma*'. Esta mensagem serve como um lembrete para mim e para todas as mulheres, incentivando-as a superar seus traumas e a abraçar quem são, sem medo ou vergonha.

HQForismo: **Não tenha vergonha de ser você mesma.**
Thaís Torres
Fotografia Digital
Fonte: Acervo pessoal
2022

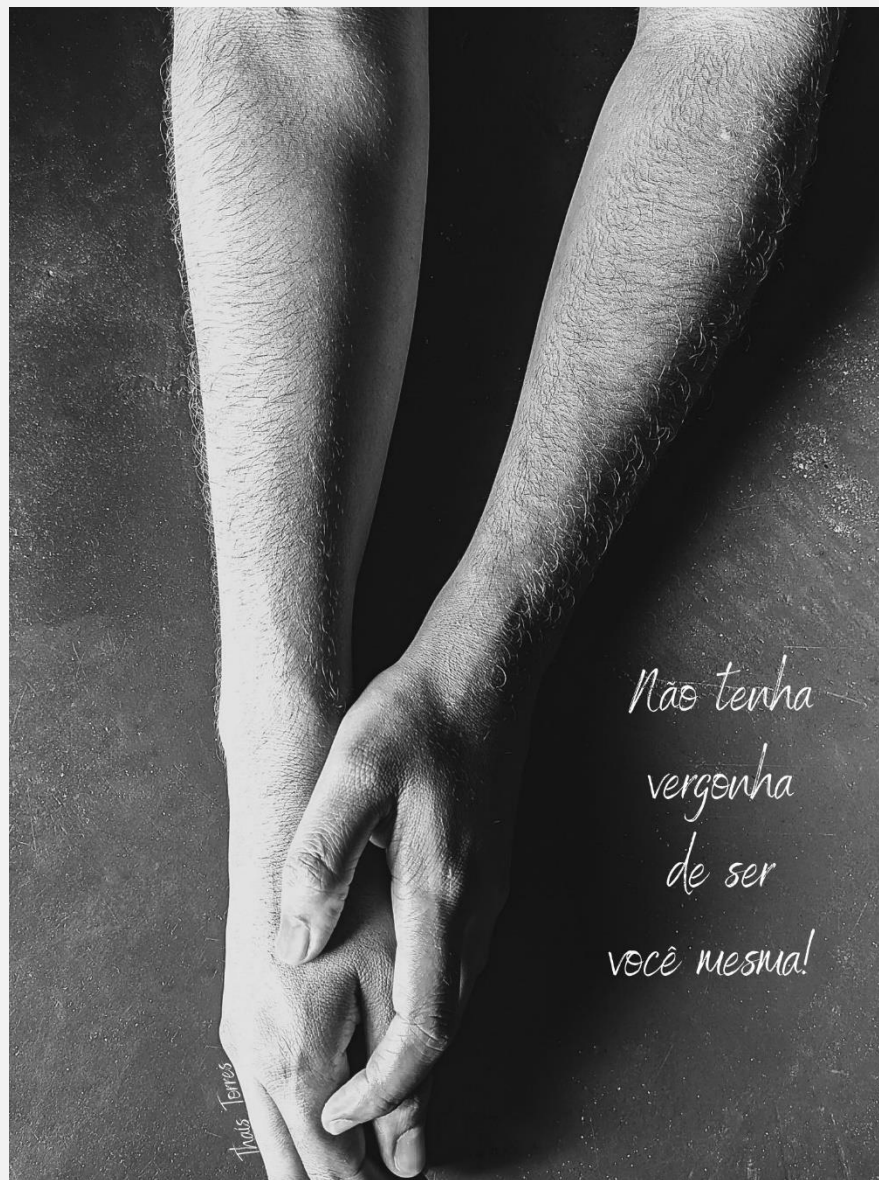


Figura 18

MMXVIII¹⁴

Ninguém jamais descobriu a feiura por meios de fotos. Mas muitos, por meio de fotos, descobriram a beleza. Salvo nessas ocasiões em que a câmera é usada para documentar, ou para observar ritos sociais, o que move as pessoas a tirar fotos é descobrir algo belo (Sontag, 2004, p. 101).

Após concluir o primeiro ano do curso de Artes Visuais e ter tido contato com a disciplina de Fotografia¹⁵(FAV0222) no segundo semestre de 2017, decidi ingressar no mercado da indústria fotográfica. Em 2018, adquiri uma câmera semiprofissional para realizar trabalhos como freelancer¹⁶ em ensaios fotográficos externos.

Atuando como profissional da área, percebi que as clientes, especialmente as mulheres, não queriam adquirir fotos de si mesmas como realmente eram; buscavam imagens idealizadas. Quando me contatavam para saber sobre o ensaio, antes de mais nada, o primeiro questionamento era se

¹⁴ O número 2018 em numerais romanos é representado por "MMXVIII".

¹⁵ A disciplina de Fotografia (2017.2 - TA) foi ministrada pela docente Dra. Rosa Maria Berardo na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

¹⁶ Um freelancer é um profissional autônomo que oferece seus serviços de

eu poderia alterar a sua aparência física nas imagens.

Recebia e ainda recebo comentários e perguntas do tipo: *Tira foto minha, mas me deixa magra, viu! Você sabe usar o Photoshop¹⁷? Tem como diminuir minha barriga na foto? Tem como tirar minhas manchas? Pode tirar minhas rugas? Fiquei muito preta na foto, pode me deixar mais branca? A fotógrafa estuda pra isso, tem que deixar a gente mais bonita.*

Ou ainda, depois de feita a fotografia, a mulher se vê e não gosta da imagem, dizendo: *Nossa, apaga essa foto, fiquei muito feia, fiquei estranha.* E quando eu questionava o motivo, a resposta era sempre algo que ela tinha em seu corpo que não gostava e na foto não podia aparecer.

Às vezes me sentia mal, como se o meu trabalho não tivesse sido bem feito. Às vezes as críticas em relação ao não gostar da foto tirada não se aplicam ao profissional que fez a foto. Mas a fala é como se fosse.

Para Sontag (2004, p. 102), "as pessoas querem a imagem idealizada: uma foto que as mostre com a melhor

forma independente, sem estar vinculado a um empregador específico.

¹⁷ O *Photoshop* é um software de edição de imagens desenvolvido pela Adobe. É uma das ferramentas mais conhecidas e utilizadas para manipulação, edição e criação de imagens digitais.

aparência possível. Sentem-se repreendidas quando a câmera não devolve uma imagem mais atraente do que elas são na realidade”.

Fotografia enquadrada, foco cravado, nitidez, iluminação, exposição e composição perfeitos. Ainda assim, a mulher olha na foto e diz em poucas palavras que a foto não está boa o suficiente. De acordo com Susan, isso sugere que, embora as pessoas frequentemente elogiem as fotos por sua aparência natural e genuína, na verdade, a maioria delas não é capturada sem planejamento ou preparação (Sontag, 2004).

No início, a fotografia foi inventada para representar fielmente o mundo real. Sobre esse aspecto Susan Sontag afirma que,

No passado, um objeto de assombro por causa da sua capacidade de apresentar fielmente a realidade, bem como, no início, um objeto de desprezo devido a sua escassa exatidão, a câmera terminou por promover uma brutal ascensão do valor das aparências. As aparências como a câmera as registra. As fotos não se limitam a apresentar a realidade_ realisticamente. A realidade é que é examinada, e avaliada, em função da sua fidelidade às fotos (Sontag, 2004, p. 103).

Assim, a transformação da câmera e da fotografia, que inicialmente era vista com desdém por sua precisão limitada,

tornou-se eventualmente um meio de avaliação e influência na percepção da realidade e das aparências.

A fotografia não é mais a imagem do real, do que era, do que foi. Agora é retocada, distorcida e manipulada. É uma ilusão. A foto produzida na verdade é o que a pessoa imagina que deveria ser. “O papel da câmera no embelezamento do mundo foi tão bem-sucedido que as fotos, mais do que o mundo, tornaram-se o padrão do belo” (Sontag, 2004, p. 101).

Você só se torna uma bela mulher após ser retocada e melhorada. Naturalmente nenhuma é, e é isso que a indústria machista prega. “Uma fotografia falsificada (retocada ou adulterada, ou cuja legenda é falsa) falsifica a realidade” (Sontag, 2004, p. 102). No momento, existem algumas ativistas no Instagram e TikTok alertando para este problema das imagens que representam o corpo feminino e reforçam estereótipos de beleza, sobretudo com a inteligência artificial.

As ferramentas de inteligências artificiais (IAs) geram fotos de qualidade profissional e com muito realismo em variados cenários, falsificando a realidade. Por serem de fácil acesso, podem ser usadas no próprio celular do usuário

através de aplicativos, como, por exemplo, o *Remini*¹⁸. É grande e crescente o número de adeptos.

Atualmente, para ser uma profissional de fotografia de sucesso, além de saber manusear a câmera, é necessário dominar as técnicas de manipulação de imagem para alterar a foto original. Isso envolve transformá-la em um produto que atenda ao ideal de beleza promovido pela mídia, visando a atender às expectativas das massas. Segundo a visão de Sontag,

Quaisquer que sejam as reivindicações morais em favor da fotografia, seu principal efeito é converter o mundo numa loja de departamento ou num museu sem paredes em que todo tema é degradado na forma de um artigo de consumo e promovido a um objeto de apreciação estética (Sontag, 2004, p. 126).

As mulheres querem um padrão de beleza que só existe nas revistas, nos *feed* de Instagram e nas telas de televisão, uma minoria. “Segundo a tradição dominante do belo na fotografia, a beleza requer a marca de uma decisão humana: a decisão de que isso daria uma boa foto e de que a boa foto formularia um comentário” (Sontag, 2004, p. 114).

¹⁸ *Remini* é uma ferramenta de inteligência artificial que produz fotos hiper-realistas, as quais parecem ter sido tiradas por um fotógrafo profissional.

As mulheres se cobram muito, querem uma aparência de si mesmas que não existe. O ideal de beleza que é impossível alcançar, pois somos únicas. São raros os casos em que isso não ocorre. A mulher nunca está satisfeita consigo mesma. E é esperado isso, pois a cobrança dos outros sobre sua aparência é avassaladora.

Questiona-se se o propósito do mundo visual gerado pelas câmeras poderia ser alterado. O propósito atual torna-se evidente ao considerarmos os contextos nos quais as imagens fotográficas são observadas, as relações de dependência que criam, que antagonismos pacificam, ou seja, que instituições elas respaldam e a que necessidade de fato atendem (Sontag, 2004).

Ainda de acordo com Sontag (2004), numa sociedade capitalista, a cultura visual é essencial, fornecendo entretenimento para estimular o consumo e distrair questões sociais. A câmera, ao subjetivar e objetivar a realidade, serve perfeitamente a essa demanda, definindo-a como espetáculo para as massas e ferramenta de vigilância para os governantes. A produção de imagens sustenta a ideologia

Ela entrega fotos perfeitas, sem nenhum defeito, dando a impressão de que a imagem passou por um tratamento de um profissional da fotografia.

dominante, substituindo mudanças sociais por mudanças visuais.

Sinto na pele os dois lados da moeda, estando atrás da câmera para fotografar e à sua frente para ser fotografada. Me coloco no lugar dessas mulheres, pois sei como é ser criticada por não estar dentro dos padrões. E assim como elas, também tentei a minha vida inteira esconder em mim aquilo que não era aceito na sociedade.

“Enquanto a maioria das pessoas que tiram fotos está apenas reforçando ideias aceitas sobre o belo, profissionais ambiciosos creem, em geral, contestá-las” (Sontag, 2004, p. 112). Esse é o caso de Marcela Guimarães, que veremos mais adiante.

MARCELA GUIMARÃES

No ano de 2021, durante uma consultoria pessoal online com a Daniella de Souza¹⁹, compartilhei com ela minha experiência sobre os desafios que enfrentei na infância e

¹⁹ Daniella de Souza, Coach de carreira e negócios. @danielladesouzat <https://www.instagram.com/danielladesouzat?igshid=NmQ5Y2ExZGE1MQ%3D%3D>

adolescência devido às críticas que recebi e ainda recebo em relação aos meus pelos. Foi nesse momento que ela me apresentou o trabalho de uma fotógrafa que aborda justamente os padrões de beleza, especialmente a questão dos pelos no corpo feminino.

Marcela Guimarães atua como fotógrafa, videomaker e performer, explora em suas obras a posição da mulher na sociedade, sua interação com esferas privadas, públicas e políticas. Ela é responsável pela concepção do projeto *Mulheres adultas têm pelos*²⁰, um fanzine que discute a cultura da depilação por meio de fotografias e narrativas (Guimarães, 2020).

O fanzine da artista reúne relatos de catorze mulheres distintas, onde cada uma delas compartilha sua experiência sobre depilação e sua relação com os pelos corporais. Além de apresentar essas narrativas, também inclui fotografias. Após cada relato, em seguida, é exibida uma foto do corpo da entrevistada, mostrando áreas onde os pelos estão presentes.

Neste trabalho, o que chama minha atenção, além das

²⁰ Projeto fotográfico disponível também no Instagram: <https://www.instagram.com/mulheresadultastempelos/>

fotografias pouco convencionais, são as histórias dessas mulheres. Ao ler os relatos, me identifico com muitas delas, pois são semelhantes à minha própria vida. Percebo que as pressões relacionadas aos pelos não são exclusivas a mim, mas algo muito mais amplo.

No primeiro relato apresentado, temos o relato de Ana Paula, de 24 anos, que inicia o capítulo com a seguinte afirmação: “Essa história de que não é natural (pelos), se não fosse natural, não iria crescer (Guimarães, 2019, p. 6).” Na página seguinte do zine (p. 7), é exibida uma fotografia de suas pernas com pelos, figura 19.

Ana Paula.
Fotografia de Marcela Guimarães.
Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos
Print digital
2019



Figura 19

Ana Paula:

Na faculdade, comecei a ver mulheres que não se depilavam (...) isso me fez começar a pensar sobre isso e sobre outras coisas também. Comecei a pensar “Por que eu faço isso?” Tem várias coisas que a gente só faz porque a sociedade impõe, a gente não se questiona. Parei de depilar a perna porque queria ver como eu era sem me depilar, pra poder escolher. (Guimarães, 2019, p. 10).

Assim como Ana Paula, também comecei a ter outra visão em relação aos pelos na Faculdade de Artes Visuais. De todos os ambientes que frequentei durante toda a minha vida, a FAV foi o único ambiente em que os pelos do meu braço, buço e rosto não foram vistos com estranheza pelas pessoas. Na verdade, é até muito natural e normal lá. Acredito que lá, por ser um lugar de voz, e por termos contato no decorrer de todo o curso com várias referências de artistas que contestam as opressões ao longo de toda a história da arte, em várias disciplinas, acabamos por normalizar isso e não mais ver com estranheza.

No fanzine, Ana também fala da sua relação com sua mãe e conta como é a aceitação dela sobre suas axilas (figura 20).

Na última vez que vim para casa da minha mãe, ela foi dormir comigo e viu meu braço (axila) sem depilar, ela disse que ficou na sala a noite inteira sem dormir e com dor no estômago. É muito difícil pra ela, então nessa outra vez que vim, trouxe apenas camisetas. (Guimarães, 2019, p. 11).

Nem todas as famílias estão abertas e aceitam tais mudanças.

“Mas como passamos a acreditar que algo que cresce naturalmente em nossos corpos não deve estar ali e nos convertemos à rotina de retirada dos pelos?” (Guimarães, 2020, n. p).



Figura 20 - **Ana Paula**. Fotografia de Marcela Guimarães. Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos 2019

Analisando o trabalho, percebo que, assim como aconteceu comigo, o problema que a mulher enfrenta é desde a sua infância. Muitos dos relatos apresentados mostram mulheres que passaram por opressões estéticas em relação aos seus pelos desde muito novas, algumas a partir de suas infâncias, outras a partir da adolescência, e assim seguindo para a vida adulta.

Em seu depoimento para o fanzine, Amanda Buttler de 30 anos, (figuras 21 e 22), fala que quando ela tinha 6 anos, um menino da escola comentou que ela tinha muito pelo no braço, dizendo que parecia um menino por causa disso. Então, ao chegar em casa, ela pegou uma Gillette e raspou o braço sozinha (Guimarães, 2019).

O relato de Beatriz Vivanco (figuras 23 e 24), de 28 anos, também merece destaque. Ela relata que, durante a adolescência, as pessoas começaram a implicar com os pelos dos dedos de suas mãos. Sentindo-se envergonhada por ter uma 'mão peluda', decidiu que sua primeira experiência com a depilação seria nas mãos (Guimarães, 2019).

Beatriz explica que o processo de depilação sempre foi doloroso e desafiador para ela. Todas as técnicas causavam coceira e irritação na pele, resultando em uma experiência

constantemente dolorosa e desagradável. Para contornar isso, encontrou uma solução: vestir-se sempre com calças compridas e camisetas de manga durante a maior parte da adolescência. Mesmo passando calor, ela não permitia que os pelos fossem visíveis de maneira alguma (Guimarães, 2019).

Beatriz usou a mesma solução que eu durante a adolescência, se cobrindo, para assim se livrar das críticas e dos olhares maldosos dos outros. Ter que ficar desconfortável na frente das pessoas, usando calças e camisetas, mesmo morrendo de calor é uma situação triste e muito frustrante para suportar.

Já Maria Laura (figuras 25 e 26), de 25 anos, relata que ela costumava fazer a depilação quando era adolescente, mas nunca gostou; sempre achou muito doloroso. Questionava a si mesma: "Deve ser normal para as outras mulheres, mas para mim não é, porque dói muito" (Guimarães, 2019, p. 50). Ela não se incomodava com seus pelos, pensava que homens também tinham pelos, então por que ela não poderia tê-los? (Guimarães, 2019).

Figura 21 - **Amanda Buttler**. Retrato.
Fotografia de Marcela Guimarães.
Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos
2019

Figura 22 - **Amanda Buttler**. Detalhe, parte inferior do corpo.
Fotografia de Marcela Guimarães.
Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos
2019

Figura 23 - **Beatriz Vivanco**. Foto com reflexo no espelho.
Fotografia de Marcela Guimarães.
Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos
2019

Figura 24 - **Beatriz Vivanco**. Retrato.
Fotografia de Marcela Guimarães.
Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos
2019

Figura 25 - **Maria Laura**. Retrato.
Fotografia de Marcela Guimarães.
Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos
2019

Figura 26 - **Maria Laura**. Detalhe da parte inferior do corpo.
Fotografia de Marcela Guimarães.
Fanzine: Mulheres Adultas têm Pelos
2019



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25

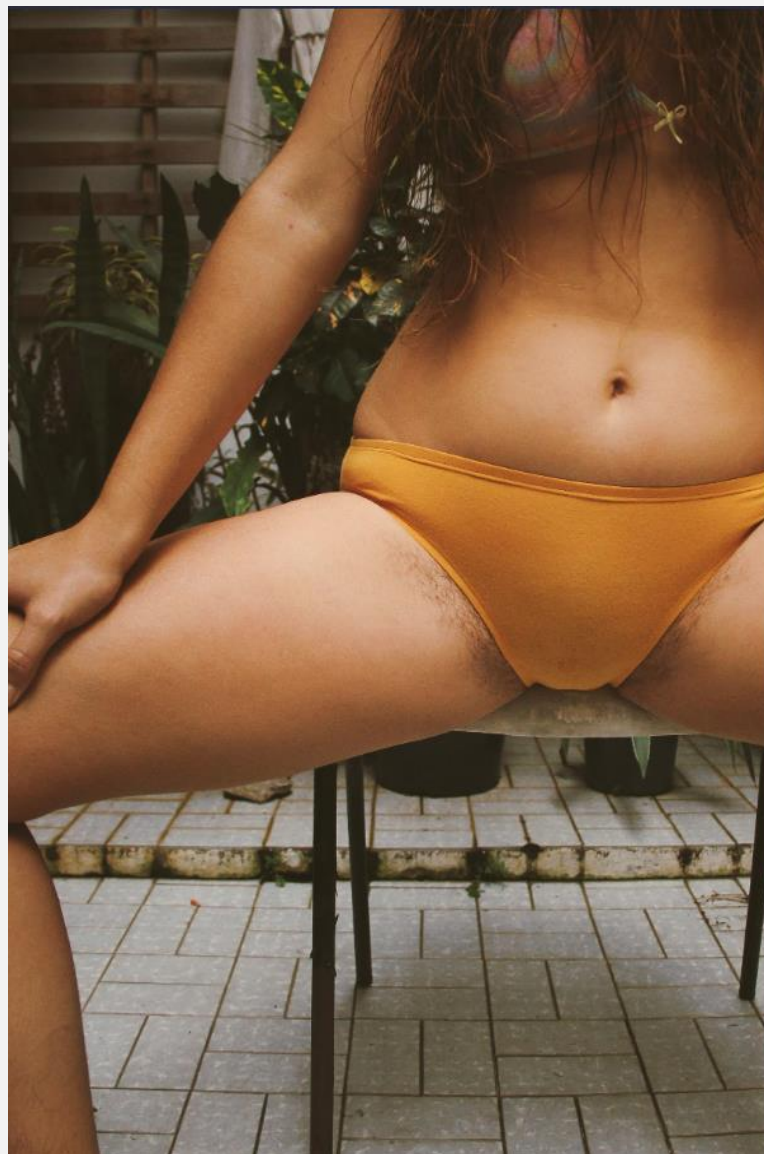


Figura 26

Para a autora do projeto *Mulheres Adultas têm Pelos*,
Marcela Guimarães,

Questionar a cultura da depilação vai além de olhar para história da prática, achar que é uma questão de higiene pessoal ou que feministas querem ditar “novas regras”. É sobre a autonomia dos nossos corpos, sobre desmistificar o que acreditamos ser belo e feio, é sobre entender que o ato pode ser algo que muitas mulheres gostam de fazer, mas que não significa ser algo natural ou obrigatório (Guimarães, 2020, n. p).

A depilação dos pelos na mulher não é algo natural, foi colocado em sua cabeça durante a vida, também não é obrigatório, mas a cobrança da sociedade em cima dela é como se fosse. Marcela afirma que,

Se crescemos em uma sociedade que, desde nossos primeiros meses de vida, já nos empurra a cor rosa como marcador de gênero, nos coloca laços na cabeça – sem ao menos ter cabelo direito para segurá-los – e fura nossas orelhas para diferenciar se é menino ou menina, questionar o ato da depilação é apenas mais um meio de revermos algo que foi decidido por outra pessoa sobre nossos corpos. E nós apenas continuamos a reproduzir tal prática sem saber direito o porquê dela, se realmente queremos e

gostamos de reproduzi-la. (Guimarães, 2020, n. p.).

Quando descobri o fanzine em 2021 (figura 27), me senti feliz e encorajada ao ver tantas mulheres enfrentando a opressão sendo autênticas. Me senti acolhida e, de certa forma, 'normal', como se tivesse encontrado o meu grupo.

A artista aborda em sua obra questões relevantes para refletir sobre minha identidade como mulher, levantando questionamentos sobre a cultura da depilação feminina e os padrões de beleza. Seu trabalho nos incentiva a ser autênticas, ao apresentar diversas mulheres que desafiam os tabus relacionados aos seus corpos por meio da escolha de manter seus pelos.

Na vida adulta, os métodos para se livrar dos pelos e se enquadrar em padrões se multiplicam, e em alguns casos, a família é coparticipante, desempenhando um papel negativo na construção da identidade dessa mulher, buscando que ela se torne o mais feminina possível. É o que veremos mais adiante, no próximo capítulo.

Capa do fanzine²¹: Mulheres Adultas têm Pelos
Marcela Guimarães.
Imagem digital.
2019

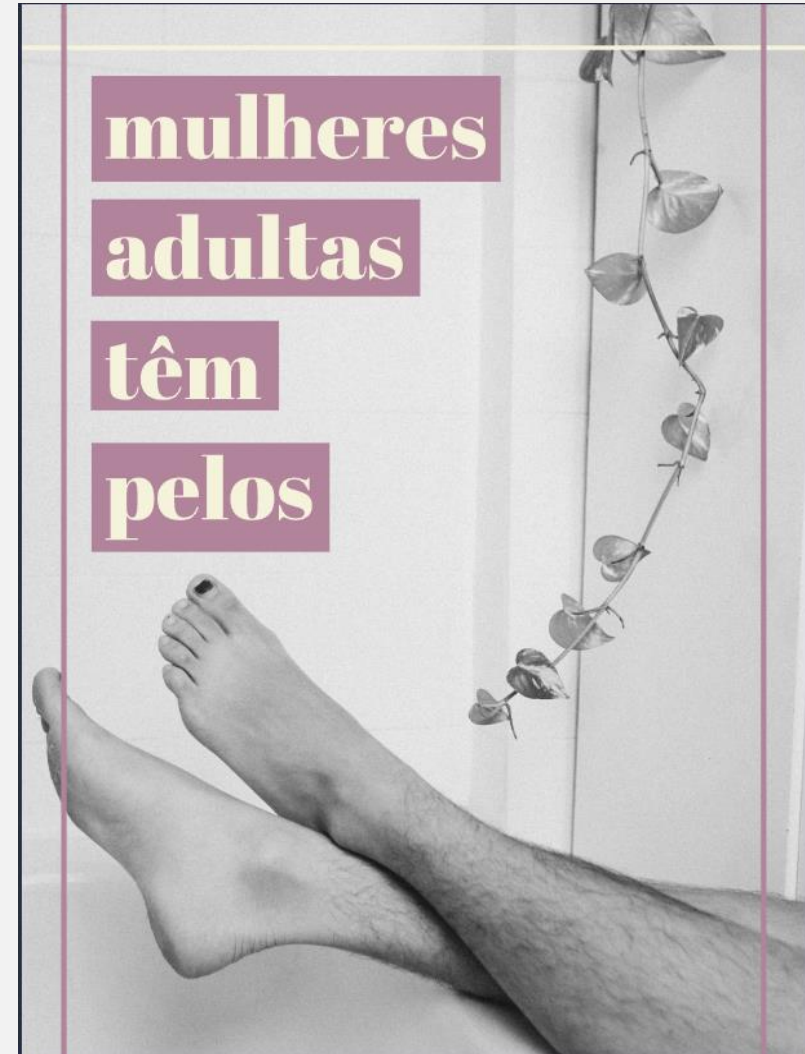


Figura 27

²¹ Trabalho disponível na íntegra através do link:

<https://viewer.joomag.com/mulheres-adultas-t%C3%A0m-pelos/0458918001561471134?short&>

DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO
AUTOBIOGRÁFICO

FAMÍLIA

É 2023. Tarde de um dia como qualquer outro. Os pais do meu esposo estão hospedados na minha casa, vieram nos visitar. Eles moram em Brasilândia do Tocantins²².

Nessa visita que minha sogra fez, entre uma conversa e outra, tocamos no assunto dos pelos. Ela repara em mim e nota que tenho muitos pelos espalhados, tanto nos braços como nas pernas. Faz um comentário que eu não esperava:

“Nossa, 'Thaisinha', pois eu não sou assim não. Olha, eu não tenho esse tanto de cabelo, véi, em mim não! Pode olhar aqui. Deus me livre ser desse jeito. Graças a Deus, não tenho nenhum pelo. Nem nas minhas pernas, nem nos braços. Óia, nadinha, nadinha mesmo.

²² Brasilândia é um pequeno município brasileiro do estado do Tocantins.

Sou toda lisinha, graças a Deus.”

Pelo comentário, percebo que ela se sente de certa forma, superior a mim, por não ter pelos no corpo. Ela se sente mais feminina, e até agradece a Deus por não os ter em seu corpo. Pela sua fala, é como se tivesse um certo nojo disso.

* * *

Meu pai mora na cidade de Leopoldo de Bulhões²³ – GO. Certo dia, fui visitá-lo em sua chácara, ao lado da qual moram meu tio e minha tia.

Sempre que estou na casa do meu pai, sinto uma pressão psicológica para que eu e meus irmãos visitemos a casa da minha tia, mesmo sem termos um vínculo próximo. Meu pai e minha mãe sempre dizem: “Vão lá na casa da sua tia. Tem que ir lá, senão vão reparar que vocês vieram de Aparecida para cá e

não foram na casa deles. Vão lá rapidinho.”

Por respeito e obediência aos meus pais, eu acabo cedendo a essa pressão.

Num desses dias, acabei visitando-os sem intenção, e minha tia comentou sobre os pelos das minhas pernas. Estava de short e me senti sem jeito, desconcertada, respondendo: *É, tia, tenho muitos pelos nas pernas mesmo*. E dei um sorriso amarelo.

Nesse dia, meus pelos estavam descoloridos, mas, mesmo assim, foram percebidos. Ela prosseguiu: Talvez fosse melhor tirar tudo de vez com a Gillette, assim ficaria lisinho, e você não precisaria descolorir.

Sem graça, apenas respondi: Já fiz isso, tia, mas eles crescem muito rápido, então preciso continuar descolorindo. Tentei encerrar o assunto

²³ Leopoldo de Bulhões é um município brasileiro do estado de Goiás.

que, para mim, foi desnecessário.

* * *

Minha avó²⁴ sempre morou na mesma cidade que eu, em Aparecida de Goiânia. Sempre que eu visitava a casa dela me sentia desconfortável. Antes de mais nada, ao me ver, ou a minha irmã, ela já nos olhava de cima embaixo para nos criticar em alguma coisa sobre nossa aparência física. Ela costumava fazer comentários como: *Nossa, tá só engordando! Parece que você engordou. Nossa, e esse cabelo minha fia?*

Sabendo da forma que ela sempre se referia a mim, depois que fiquei adulta, sempre que eu ia na casa dela, era um verdadeiro ritual. Eu precisava esconder os meus defeitos ao máximo para assim não ser criticada por ela. Se minhas pernas não estavam raspadas ou descoloridas, eu optava por vestir uma

calça. Se minhas axilas tinham pelos, eu vestia camiseta de manga.

Apesar de me sentir desconfortável na casa dela, com seu olhar crítico e opressor sobre mim e meu corpo, minha mãe sempre me incentiva a ir lá. Pois afinal é minha avó, e é "o jeitinho dela", dizia minha mãe.

* * *

E esses são apenas alguns fatos, de tantos outros que enfrento dentro da família em relação à aparência física, sobretudo sobre meus pelos. Segundo Wolf (2018, p. 89, grifos da autora), "as mulheres podem apresentar uma tendência ao desagrado quando uma delas tem a aparência 'boa' demais ou ao desprezo quando sua aparência é muito 'ruim'.

Para mim, é um verdadeiro ritual comparecer a uma reunião de família. Sinto a pressão de estar sempre

²⁴ Avó materna.

apresentável. O cabelo, a pele, a depilação, as unhas, a roupa, o sutiã, o corpo... Tudo precisa estar no lugar. É esperado que eu esteja 'bonita', pois é essa a expectativa de todos na família, simplesmente por eu ser mulher. Dá a impressão de que nada do que faço além disso importa. Wolf afirma que,

A discriminação pela beleza se tornou necessária, não pela impressão de que as mulheres ficariam sempre aquém do esperado, mas, sim, pela impressão de que elas seriam, como vêm sendo, ainda melhores (Wolf, 2018, p.35).

Parece que estão mais preocupados com a nossa aparência do que com nossas atividades, estudos ou pensamentos. É como se não tivéssemos voz e tudo o que fazemos fosse considerado irrelevante, chato, sem graça.

Existe essa pressão social sobre a mulher de ser bela, e se ela não atende a esse padrão, nada do que faz tem crédito. Meu esposo é muito peludo, assim como eu, porém, ele é 'homem', e isso é considerado normal.

Certa vez, a mãe dele veio me dizer que o filho é peludo e que isso é bonito, que homens devem ser assim e que é um sinal de masculinidade. Ela expressou orgulho por ele ser assim para mostrar a todos que ele é “homem de verdade”.

Há uma diferença gritante na forma como os homens

são tratados, sendo considerados superiores em tudo que fazem. Ninguém dita o que um homem deve fazer com seus pelos ou com sua aparência; as pessoas estão mais interessadas em suas conquistas e interesses. No caso das mulheres, se estiverem mal arrumadas, apenas notarão seu “desleixo” ou a suposta falta de cuidado com o corpo.

Segundo Castro (2007),

Os manuais de autoajuda, a mídia e os conselhos dos experts em saúde levam os indivíduos a acreditarem que as imperfeições e defeitos corporais são resultado da negligência e ausência de cuidado de si. Com disciplina e boa vontade, qualquer um poderia alcançar uma aparência mais próxima do padrão de beleza vigente. Àqueles que não o alcançam é reservada a estigmatização, o desprezo e a falta de oportunidades (Castro, 2007, p.76).

A pressão atual que limita as mulheres, seja por imposição externa ou autoimposta, é igualmente implacável, inflexível e disfarçada com expressões mais suaves. A sociedade atual concentra-se em ideais irreais enquanto critica a aparência e o corpo das mulheres reais (Wolf, 2018).

Assim, na vida adulta, a pressão sobre a mulher persiste, levando-a a se sentir obrigada a se adaptar em cada ambiente que frequenta, deixando de ser ela mesma para

agradar pessoas que não se importam verdadeiramente com ela. De acordo com Wolf,

Não se trata de as identidades das mulheres serem fracas por natureza. Foi a imagem "ideal" que adquiriu uma importância obsessiva para as mulheres porque era esse seu objetivo. As mulheres não passam de "beldades" na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina (Wolf, 2018, p. 73, grifos da autora).

Essa "ideia" do que é considerado bonito ou desejável foi historicamente definida de maneira a se alinhar aos gostos ou preferências masculinas, reforçando a visão de que as mulheres devem se esforçar para atender a esses padrões.

Para Wolf (2018), o núcleo essencial das revistas femininas é a ideologia otimista que promovem. Através de uma linguagem que exalta a meritocracia ("conquiste o corpo que merece"; "não há beleza sem esforço"), estimula o empreendedorismo pessoal ("faça o melhor com seus atributos naturais"), e enfatiza a responsabilidade individual pelo corpo e pelo processo de envelhecimento ("você pode moldar seu corpo"; "o controle das rugas está em suas mãos"), essas publicações incentivam as mulheres a consumir os produtos anunciados na busca por uma transformação completa,

equiparada ao status que a sociedade de consumo atribui aos homens na forma de riqueza financeira.

Segundo Ana Lúcia de Castro (2007), o culto ao corpo está relacionado à oportunidade de criar um modo de vida, expressar identidade, mas também implica em ceder à pressão social, o que pode resultar em sentimento de culpa diante de falhas ou omissões.

Na minha família e nos grupos sociais em que estava inserida, constantemente me sentia culpada e minha autoestima era afetada pelos comentários sobre minha aparência. Com o passar dos anos, comecei a buscar métodos para me livrar dos pelos, a fim de me sentir mais bonita e ser aceita. De acordo com Ana Lúcia,

Faça algo por você constitui-se num dos principais imperativos da sociedade atual. (...). Não descuidar da aparência constitui-se num importante item para boa aceitação social e, neste sentido, cuidar do corpo torna-se uma forma de coerção social, de reforçar laços de pertencimento a um grupo (Castro, 2007, p.79).

Para cuidar da minha aparência, comecei a comprar produtos e objetos para a depilação, consumindo e reutilizando os mesmos, indo contra minha aparência natural e me

modificando para agradar outras mulheres e assim ser considerada 'normal'. Veremos mais sobre isso adiante.

KIT DE BELEZA FEMININO

Parafrazeando Friedan, por que nunca se diz que a função realmente crucial que as mulheres cumprem ao desejarem ser lindas é a de comprar mais produtos para o corpo? De alguma forma, alguém em algum lugar deve ter imaginado que elas comprarão mais se forem mantidas no estado de ódio a si mesmas, de fracasso constante, de fome e insegurança sexual em que vivem como aspirantes à beleza (Wolf, 2018, p. 80).

Após uma orientação com a professora Manoela²⁵ na sexta-feira à tarde²⁶ despertou em mim o interesse de rever os objetos de depilação que utilizei durante muitos anos, tanto na vida adulta quanto na adolescência. Alguns eram destinados à descoloração dos pelos, outros à raspagem e outros à epilação (remoção dos pelos pela raiz); eu os utilizava sempre com o objetivo de me sentir bonita.

²⁵ Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues possui doutorado em artes e é professora Adjunta do curso Artes Visuais - Bacharelado da FAV/UFG, investigando práticas artísticas autobiográficas.

Ao juntar todos eles na minha cama e ao observar cada objeto, decidi fotografá-los um por um. Surgiu em mim o desejo de trazê-los para este trabalho de conclusão de curso.



Figura 28 - Cenário para as fotos. Thaís Torres. Fotografia digital. Acervo pessoal. 2023

No dia 18 de novembro, um sábado, realizei a sessão de fotografias. Inicialmente, planejei utilizar a própria cama,

²⁶ Orientação de pesquisa realizada no dia 17 de novembro de 2023 de forma online.

com um lençol branco ao fundo, para compor o cenário das fotos; no entanto, acabei optando por uma cadeira de madeira velha como suporte (figura 28). O local escolhido foi o meu quarto.

Para a iluminação dos itens fotografados, utilizei uma lanterna e uma luz de LED. As fotos foram capturadas usando uma câmera Canon T3 com a lente 18-55 mm.

Então desenvolvi a série fotográfica chamada *Kit de Beleza Feminina*²⁷, na qual proponho discutir questões referentes ao uso dos itens de depilação ao longo das várias fases da minha vida. Essa série é composta por dez fotografias, cada uma carregando um significado único e representativo das minhas experiências e reflexões pessoais em relação a esses itens.

"*Banho de Lua*" é a primeira obra fotográfica desta série (figura 29). O banho de lua é um procedimento estético utilizado para clarear os pelos corporais, frequentemente adotado por mulheres para clarear os pelos nas pernas, braços e barriga. Na fotografia, é apresentada uma mistura à base de água oxigenada e o produto clareador, que é o sal amoníaco.

²⁷ Obra disponível para visitação presencial na *Exposição Entre o Plural e o Singular*, na Galeria da Faculdade de Artes Visuais (FAV-UFG), de 18

Comecei a utilizar essa técnica como forma de disfarçar os pelos das minhas pernas e braç os entre o final da adolescência e a vida adulta. Sempre que aplico essa mistura, minha pele apresenta coceira intensa e pinica, deixando-a muito vermelha. Além disso, o cheiro é muito forte e desconfortável.

A fotografia intitulada "*Pinças e Tesouras*" (figura 30), é a segunda da série, representando objetos frequentemente utilizados por mim. Comecei a usar as pinças logo após concluir o ensino médio, por volta dos 17 anos. Utilizava principalmente as pinças para remover o excesso de pelos das minhas sobrancelhas, arrancando-os pela raiz. Além disso, eram frequentemente empregadas para a remoção dos pelos do buço. A tesoura era usada para aparar os pelos das sobrancelhas e para ajustar os fios que alcançavam quase a região das sobrancelhas.

A remoção dos pelos com a pinça era um procedimento doloroso, algo que eu precisava realizar praticamente todas as semanas para manter minhas sobrancelhas bem feitas e uma aparência apresentável.

de janeiro a 31 de janeiro de 2024. Material de divulgação presente nos anexos deste TCC.

A obra “*Aparelho de Barbear*” (figura 31), também conhecido como prestobarba, é de uso comum entre todas as mulheres. Tive contato com esse item durante a adolescência, quando surgiram os primeiros pelos em minhas axilas. Desde então, seu uso foi mantido como forma de depilação. Quando eu não fazia a depilação das axilas, preferia vestir camisetas que as cobrissem.

Na fotografia, temos cinco aparelhos, cada um com um cabo de plástico e várias lâminas presas a uma cabeça de barbear; são descartáveis. O uso é frequente e a pressão da sociedade em relação à remoção dos pelos femininos nos influencia a comprar cada vez mais desses produtos.

A próxima obra é a do “*Navalhete*” (figura 32). O navalhete é um instrumento de barbear dobrável, semelhante a uma navalha, utilizado para fazer a barba na área do rosto. Incomodada com a dor causada pela pinça ao remover os pelos do rosto e do buço, adquiri esse produto para realizar a raspagem dos pelos, evitando assim o desconforto. Além disso, precisei adquirir e constantemente recomprar um kit de “*Lâminas*” (figura 37) para utilizá-las junto ao navalhete.

A próxima obra da série é o “*Wahl Cortador*”, figura 33. Trata-se de um cortador de cabelo que meu esposo ganhou de

seus pais alguns anos atrás. Devido ao rápido crescimento dos pelos das minhas pernas, percebi que a descoloração dos mesmos não durava muito tempo. Decidi começar a usar esse cortador para aparar todos os pelos das minhas pernas. Utilizei-o por um longo período, no entanto, o equipamento acabou estragando, pois já o havíamos recebido usado.

Com o *Wahl Cortador* inutilizado e desejando manter minhas pernas livres de pelos para evitar julgamentos negativos, em 2015 após uma extensa pesquisa sobre depiladores elétricos, adquiri no shopping o “*Satinelle Depilador*”, figura 34. O vendedor prometeu um dispositivo de depilação avançado capaz de remover os pelos pela raiz sem puxar a pele.

Os vídeos que vi no YouTube naquela época afirmavam que ele deixaria minha pele lisa e macia por várias semanas, além de reduzir a espessura dos pelos com o uso contínuo. Também afirmavam que era ótimo para regiões como a virilha e axilas. No entanto, após comprar o produto, não consegui utilizá-lo devido à dor que era simplesmente insuportável. Tentei usá-lo na perna, mas a dor foi tão intensa que não consegui continuar.

A próxima fotografia desta série é o “*Aparador Caveira*”,

figura 35. Em 2022, meu esposo comprou esse aparador, muito conhecido na internet, com a finalidade de aparar sua barba. Comecei a usá-lo em minhas pernas, pois ele fazia um corte dos pelos muito rente à pele.

Por fim, a “*Cera Hidro*” (figura 36), é o último item fotografado desta série. A cera hidrossolúvel é um tipo de cera amplamente utilizada para depilação em salões de beleza e clínicas estéticas. Comecei a utilizar este método no início de 2023. A técnica de aplicação envolve o aquecimento da cera até atingir a consistência adequada para aplicação. Em seguida, ela é espalhada sobre a área a ser depilada utilizando espátulas. Sobre a cera, são colocados papéis de depilação, os quais são pressionados. Após um breve período para que a cera esfrie um pouco, o papel é puxado rapidamente com força para remover todos os pelos da área de uma só vez.

Inicialmente, comecei a utilizar este método nas pernas, virilha e axilas. No entanto, a dor que experimentei foi intensa, especialmente em áreas mais sensíveis do meu corpo, como as axilas e a virilha, chegando até a causar sangramento devido à remoção dos pelos desde a raiz. Nas axilas, surgiram muitas bolinhas e foliculites.

O incômodo é imenso, pois ao arrancar os pelos, a pele é puxada junto. Apesar de toda a dor, os pelos sempre voltam a crescer, criando um ciclo infinito de desconforto e sofrimento. Castro afirma que,

Por ser moda, o culto ao corpo é aceito socialmente, aliviando os indivíduos de uma autocrítica exacerbada por se submeterem a sofrimentos físicos em nome da manutenção de um padrão estético. O culto ao corpo garantiria aos indivíduos o sentimento de pertencimento a um grupo social (Castro, 2007, p. 86).

Na última fotografia feita para a série, apresento todos os itens descritos juntos: os *Itens de micro violências* do meu Kit de Beleza Feminino (figura 38).

Figura 29 – **Banho de Lua.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 30 - **Pinças e Tesouras.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 31- **Aparelho de Barbear.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 32- **Navalhete.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 33 – **Wahl Cortador.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 34 – **Satinelle Depilador.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 35 – **Aparador Caveira.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 36 – **Cera Hidro.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 37 – **Lâminas.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

Figura 38 – **Kit de Beleza Feminino.**

Da série: Kit de Beleza Feminino.

Thaís Torres.

Fotografia impressa em papel fotográfico. Dimensões: 15 x 21 cm.

Fonte: Acervo pessoal.

2023











WAHL

Model: 710
Product No. 710









P A
PPIM / INDÚSTRIA BRASILEIRA

LORD
PLATINUM
NEW
LORD®
PLATINUM
NEW

LORD
LORD

LORD
PLATINUM



WAHL

PHILIPS

DO ATO FOTOGRÁFICO AO ATO AUTOBIOGRÁFICO

A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em *trabalho*, algo que não se pode conceber fora de suas *circunstâncias*, fora do jogo que a anima sem *comprová-la* literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma *imagem-ato*, estando compreendido que esse "ato" não se limita trivialmente apenas ao gesto da *produção* propriamente dita da imagem (o gesto da "tomada"), mas inclui também o ato de sua *recepção* e de sua *contemplanção* (Dubois, 2012, p. 15).

A prática fotográfica autobiográfica, especialmente quando focada em retratos que incluem pelos no corpo feminino, pode ser interpretada como um poderoso ato de libertação e construção de agência. Historicamente, as expectativas sociais em torno da feminilidade impuseram padrões de beleza rígidos, muitas vezes associados à remoção dos pelos corporais, contribuindo para a supressão da

expressão autêntica e natural do corpo da mulher.

*Retratos de Mim*²⁸ (figuras 39, 40, 41, 42 e 43), é uma série fotográfica composta por retratos, como o próprio nome indica, de mim mesma. A intenção era realizar autorretratos, porém, como não tinha um tripé para fotografar sozinha, recorri à ajuda do meu esposo para capturar as imagens. Orientei-o sobre os ângulos e recortes desejados, e ele os seguiu conforme instruído. Para Charlotte Cotton,

(...) o ato artístico central consiste em direcionar um evento especialmente para a câmera. Esta abordagem significa que o ato da criação artística começa muito tempo antes de a câmera ser efetivamente fixada na posição adequada e de a imagem ser registrada, uma vez que se inicia com o planejamento da ideia criativa (Cotton, 2013, p, 21).

Do ato fotográfico ao ato autobiográfico, emerge uma jornada de liberação e empoderamento, através da linguagem artística fotográfica. E a pós-produção tem um papel importante na construção desse movimento, que vai do ato fotográfico ao ato autobiográfico. Durante a pós-produção, selecionei as imagens que melhor me representavam e realizei ajustes de exposição e contraste, mantendo a naturalidade das

²⁸ Obra disponível para visitação presencial na Exposição Entre o Plural e o Singular, na Galeria da Faculdade de Artes Visuais (FAV-UFG), de 18

de janeiro a 31 de janeiro de 2024. Material de divulgação presente nos anexos deste TCC.

fotos.

Ao desafiar essas normas estéticas convencionais por meio de retratos que abraçam os pelos corporais, eu estou essencialmente reivindicando o direito de definir e celebrar minha própria identidade. A prática fotográfica autobiográfica, nesse contexto, torna-se uma ferramenta poderosa para narrar minha própria história e redefinir as representações do meu corpo feminino. Nesse contexto, de acordo com a pesquisadora Manoela Afonso,

(...) a abordagem autobiográfica, quando conectada à pesquisa em arte, tem despertado o senso crítico de estudantes-artistas-pesquisadoras/es sobre si e sobre si no mundo, abrindo espaços de fala e escuta revigorantes, bem como apontando caminhos para uma produção intelectual e artística atual e transformadora. (Rodrigues, 2021, p. 109).

Esses retratos não apenas desafiam as expectativas impostas pela sociedade, mas também rejeitam a ideia de que a feminilidade deve ser moldada por padrões arbitrários. Eles afirmam a beleza e a autenticidade do corpo feminino em sua forma natural, desvinculando-se de estereótipos e permitindo a expressão livre e verdadeira da minha individualidade.

É interessante perceber como mulheres que vieram

antes de mim, especialmente durante a graduação do curso de Artes Visuais, também pensaram nessas questões sobre o feminismo e a autobiografia. No trabalho de conclusão de curso intitulado "A Fotografia como Processo de Enunciação", Rhayanne Lima também utiliza a fotografia como meio de experimentação visual e reflexão, articulando conceitos como decolonialidade, feminismo negro e fotografia. Morais (2017) trata da exploração da prática artística em fotografia como um processo de expressão, enfocando questões de identidade, corpo e experiências pessoais como mulher negra.

Outro trabalho de conclusão que foi importante para o encorajamento da minha pesquisa é o TCC da Débora Taine, intitulado "Mamangava Mulher". Este trabalho também aborda questões feministas. Apresenta a proposta artística chamada Mamangava Mulher, que explora a interseção entre arte, biologia e feminismo. A poética do trabalho emerge ao criar vínculos metafóricos para despertar uma consciência feminina e colaborativa, representada pela Consciência Mamangava (Alves, 2018).

Ao compartilhar meus retratos, eu não só me liberto das amarras das normas sociais restritivas, mas também ofereço uma narrativa inclusiva e empoderada para outras mulheres.

Essas imagens podem servir como um catalisador para conversas sobre autenticidade, aceitação do corpo e autonomia, inspirando outras pessoas a desafiarem as noções convencionais de beleza e a abraçarem sua singularidade.

Portanto, os meus retratos com pelos no corpo não são apenas uma representação visual, mas sim uma declaração consciente que desafia as normas estabelecidas, reivindica a autonomia sobre a minha própria imagem e contribui para a construção de uma representação mais inclusiva e empoderada do corpo feminino na nossa sociedade e no mundo das artes.

Figura 39 - **Sem título**. Série: **Retratos de mim**.
Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem por Thaís Torres.
Fotografia impressa em papel fotográfico.
Dimensões: 15 x 21 cm.
Fonte: Acervo pessoal.
2023

Figura 40 – **Sem título**. Série: **Retratos de mim**.
Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem por Thaís Torres.
Fotografia impressa em papel fotográfico.
Dimensões: 15 x 21 cm.
Fonte: Acervo pessoal.
2023

Figura 41 - **Sem título**. Série: Retratos de mim.
Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem por Thaís Torres
Fotografia impressa em papel fotográfico.
Dimensões: 15 x 21 cm.
Fonte: Acervo pessoal.
2023

Figura 42 - **Sem título**. Série: Retratos de mim.
Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem por Thaís Torres
Fotografia impressa em papel fotográfico.
Dimensões: 15 x 21 cm.
Fonte: Acervo pessoal.
2023

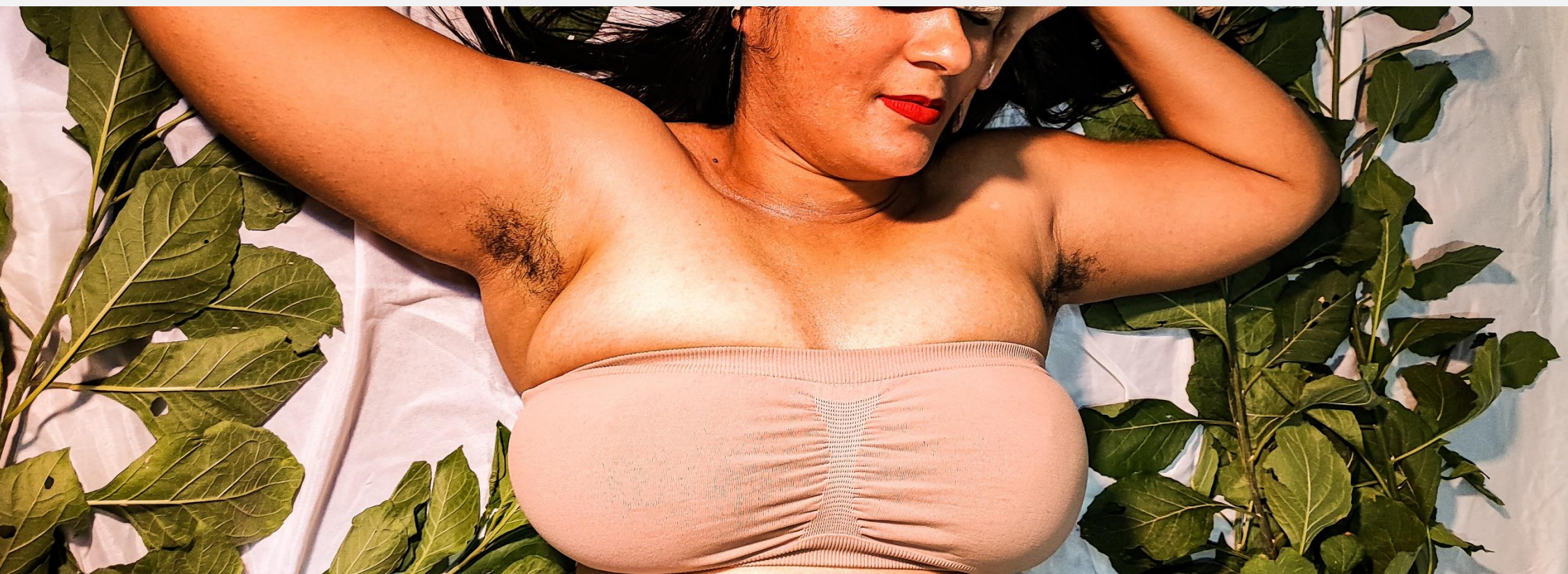
Figura 43 – **Sem título**. Série: Retratos de mim.
Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem por Thaís Torres
Fotografia impressa em papel fotográfico.
Dimensões: 15 x 21 cm.
Fonte: Acervo pessoal.
2023











E, por fim, temos a série *Refletindo o Eu*, que trata do último ensaio realizado para esta pesquisa. Nesta série, o foco são os pelos em áreas localizadas do meu corpo. Áreas que geralmente eu escondia das pessoas ou retirava, para que ninguém pudesse ver.

A primeira da série é a fotografia da minha virilha, figura 44; a segunda, das minhas pernas, figura 45; a terceira, das minhas costas, figura 46; e a quarta e última, meu buço. Nesta, (figura 47) decidi deixar em preto e branco, pois achei que ela colorida atrapalharia a visualização dos detalhes.

Figura 44 – **Virilha**. Série: **Refletindo o Eu**.

Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem de Thaís Torres.
Fotografia digital
Fonte: Acervo pessoal.
2023

Figura 45 – **Pernas**. Série: **Refletindo o Eu**.

Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem de Thaís Torres.
Fotografia digital
Fonte: Acervo pessoal.
2023

Figura 46- **Costas**. Série: **Refletindo o Eu**.

Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem de Thaís Torres.
Fotografia digital
Fonte: Acervo pessoal.
2023

Figura 47 – **Buço**. Série: **Refletindo o Eu**.

Foto de Ricardo Rodrigues com pós produção de imagem de Thaís Torres.
Fotografia digital
Fonte: Acervo pessoal.
2023









CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propus investigar e discutir a cultura da beleza feminina e a fotografia como parte de um processo de libertação, considerando a minha experiência pessoal desde a infância até a vida adulta.

Através da análise de obras bibliográficas, artigos científicos e estudos de obras artísticas, foi possível compreender as pressões estéticas impostas às mulheres e a forma como a fotografia pode ser uma ferramenta de empoderamento e resistência.

Ao explorar a relação entre a cultura da beleza e a construção estética do corpo feminino, busquei desafiar os padrões inatingíveis de beleza e promover a aceitação do corpo em sua diversidade. A partir das reflexões apresentadas, é evidente que a fotografia pode desempenhar um papel significativo na quebra dos tabus estéticos e na promoção da autoaceitação, permitindo a expressão da individualidade e a resistência às pressões sociais e midiáticas.

Assim, este trabalho oferece uma análise sobre a cultura da beleza feminina a partir de uma perspectiva

autobiográfica, destacando a importância da fotografia como uma forma de resistência e empoderamento para as mulheres, ao mesmo tempo em que questiona os padrões estéticos impostos pela sociedade e pela mídia.

Reconheço que este trabalho é apenas um ponto de partida para o estudo que me propus aqui realizar, mas que me fez chegar à consciência de que, como profissional da fotografia, uma prática fotográfica autobiográfica, quando criticamente situada, pode vir a ser uma estratégia de empoderamento para mulheres que buscam, através da autorrepresentação, autonomia sobre seus próprios corpos.

Como uma mulher no fim do curso de Artes Visuais Bacharelado, que em 2018 abraçou a fotografia como carreira - uma freelancer que realiza ensaios fotográficos -, e que, por meio de uma reflexão, chega à compreensão de que o ato fotográfico, ligado ao ato autobiográfico, pode se transformar em um projeto de proposição de empoderamento na construção das imagens e na construção das autoimagens.

Ao unir práticas criativas nas artes visuais e estudos autobiográficos, busco reivindicar um espaço de fala que empodera as mulheres, especialmente no contexto dos pelos no corpo feminino. Esse trabalho tem o potencial de evoluir

para se tornar um segmento paralelo em minha atuação profissional, funcionando como um portfólio artístico, complementando os ensaios fotográficos femininos que já realizo.

Assumindo essa abordagem, estabeleço-me como uma artista que, além de fotógrafa, concebe esses projetos como uma linha de empoderamento feminino por meio de imagens autobiográficas. Assim, a prática fotográfica autobiográfica não apenas representa um ponto de partida para projetos futuros, mas também abre caminho para a possibilidade de ingressar em um futuro mestrado.

REFERÊNCIAS

ALVES, Debora Taiane Oliveira. **MAMANGAVA MULHER**. 2018. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Goiânia, 2018. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1ptnsz7_RO8K5idOlkvF1YtTRc4a3SyGh . Acesso em: 23 jan. 2024.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. 3. ed. São Paulo: Difel/ Difusão Editorial S.A., 1975. Tradução de: Sérgio Milliet.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao Corpo e Sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2. ed. São Paulo: Fapesp, 2007. 150 p.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013. 256 p. Tradução de Maria Silvia Mourão, Marcelo Brandão Cipolla – Coleção Arte&fotografia.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico: e outros ensaios**. 14.

ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012. (Ofício de Arte e Forma). Tradução Marina Appenzeller.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Tradução de: Waldéia Barcellos.

EXPOLAB, Organização do. **ExpoLab Virtual (Edital 2021-001): exposição de abertura do espaço expositivo on-line**. Exposição de abertura do espaço expositivo on-line. 2021. Publicações inéditas de: 27/09/2021 - 21/10/2021, somente online. Disponível em: <https://expolab.wixsite.com/expolab/2021> . Acesso em: 04 dez. 2023.

FRANCO, Edgar Silveira (org.). **THAÍS TORRES**: se esconda. Se Esconda. 2022. Tópicos de Arte: HQ de Autor - Blog da disciplina. EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS: ATIVIDADE 6 - HQ AUTOBIOGRÁFICA. Disponível em: <https://hqdeautor.blogspot.com/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FRANCO, Edgar Silveira. **As Histórias em Quadrinhos de**

Autor: 2.2. o que são histórias em quadrinhos autorais. In: FRANCO, Edgar Silveira. *Ateliê Interdisciplinar de Artes Visuais: histórias em quadrinhos de autor*. Goiânia, Goiás: Ateliê Interdisciplinar, [20--?]. p. 46-47. Disponível em: file:///C:/Users/RICARDO%20SSD/Downloads/Livro_HQs_de_Autor_parte_01.pdf. Acesso em: 05 dez. 2023.

GUIMARÃES, Marcela. **Mulheres Adultas Têm Pelos**. 2019. Revisão de texto: Nadson Prado. Disponível em: <https://viewer.joomag.com/mulheres-adultas-t%C3%AAm-pelos/0458918001561471134?short&> Acesso em: 02 maio 2023.

GUIMARÃES, Marcela. **Mulheres Adultas Têm Pelos**: a fotógrafa conta sobre suas investigações sobre o lugar social da mulher. 2020. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/237/mulheres-adultas-tem-pelos> . Acesso em: 11 de janeiro de 2024.

MORAIS, Rhayanne Lima de. **A fotografia como processo de enunciação**. 2017. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Artes

Visuais, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, Goiânia, 2017.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Tradução de: Waldéia Barcellos. Disponível em: <https://livrogratuitosja.com/wp-content/uploads/2021/03/O-mito-da-beleza-como-as-imagens-de-beleza-sao-usadas-contra-as-mulheres-by-Naomi-Wolf-Wolf-Naomi-z-lib.org.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Pesquisa Autobiográfica em Arte**: - apontamentos iniciais. *Nós: Cultura, Estética e Linguagens*, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 94-129, 14 mar. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/351970673_Pesquisa_a_Autobiografica_em_Arte_-_apontamentos_iniciais Acesso em: 12 jan. 2024.

SOTANG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Tradução de: Rubens Figueiredo.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS E NÃO CITADAS

ALVES, Debora Taiane Oliveira. **A Poética da Mulher Prendada**: prática artística como estratégia de agência feminina no espaço doméstico. 2023. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Artes Visuais (FAV), Goiânia, 2023.

ECO, Umberto. **História da Beleza**: organização de Umberto eco. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. Tradução de: Eliana Aguiar.

GUIMARÃES, Marcela. **Mulheres Adultas Têm Pelos**. São Paulo, 02 jul. 2019. Vídeo para o @festivaldominuto, concorrendo na categoria "Pelos, cabelos" do Troféu Minuto. Instagram: @mulheresadultastempelos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bza8ST0hHnO/?igshid=NTc4MTlwNjQ2YQ%3D%3D> . Acesso em: 13 maio 2023.

APÊNDICES

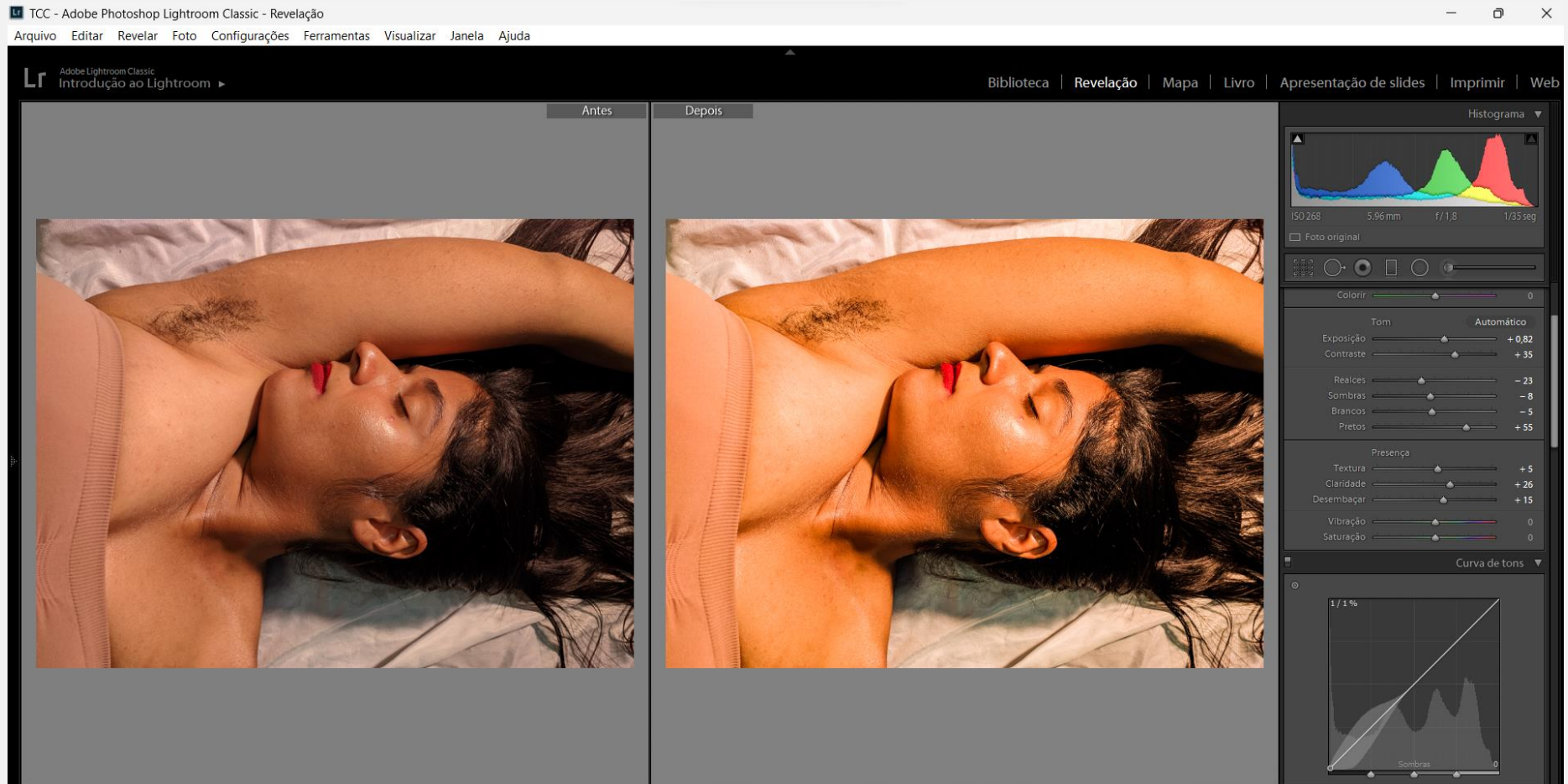


Figura 48 - Print da tela de revelação do Lightroom. Pós produção.

Imagem de antes e depois. Thaís Torres.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

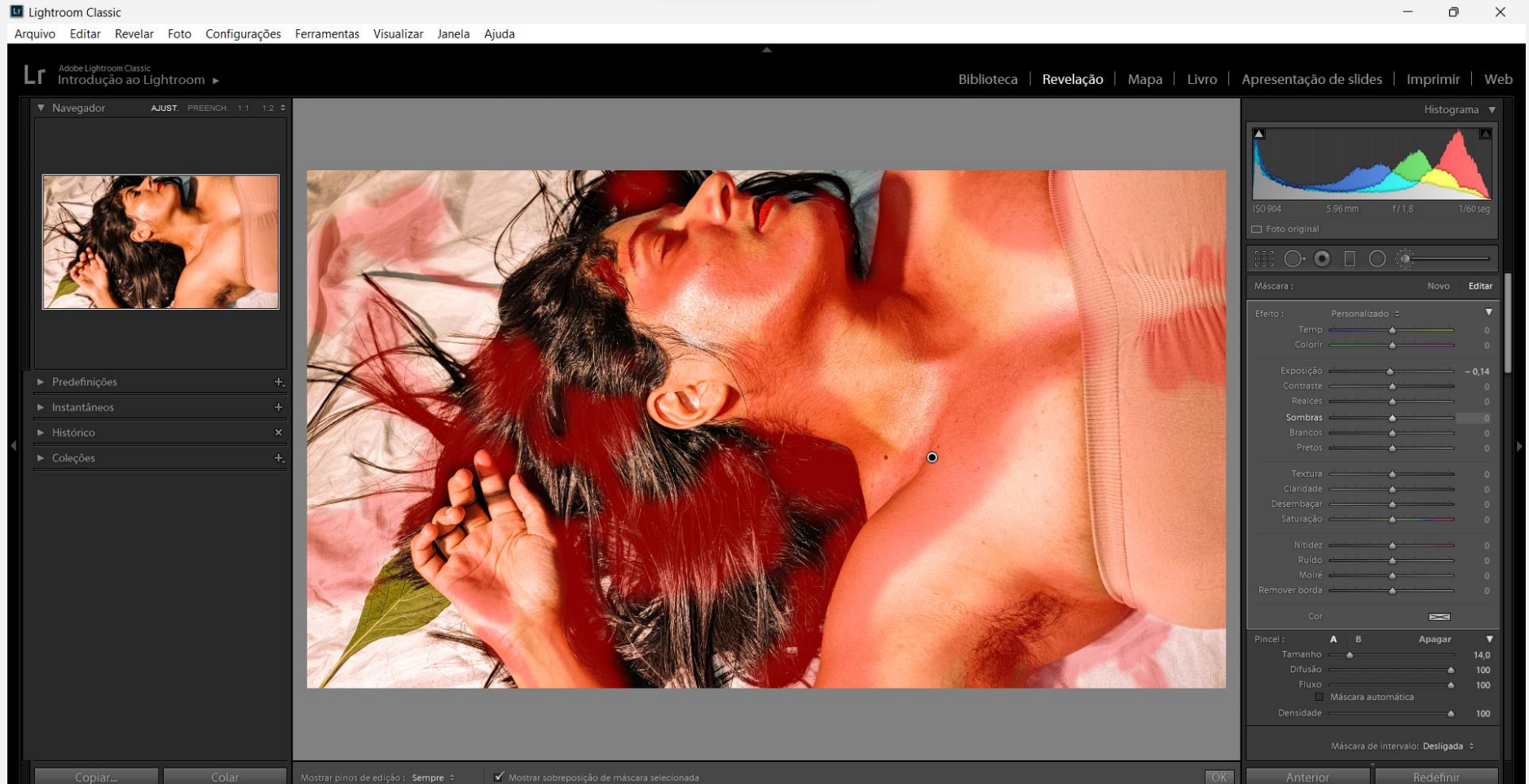


Figura 49 - Print da tela de revelação do **Lightroom**. Pós produção. Imagem com uso de pincel de ajuste personalizado.

Thaís Torres.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

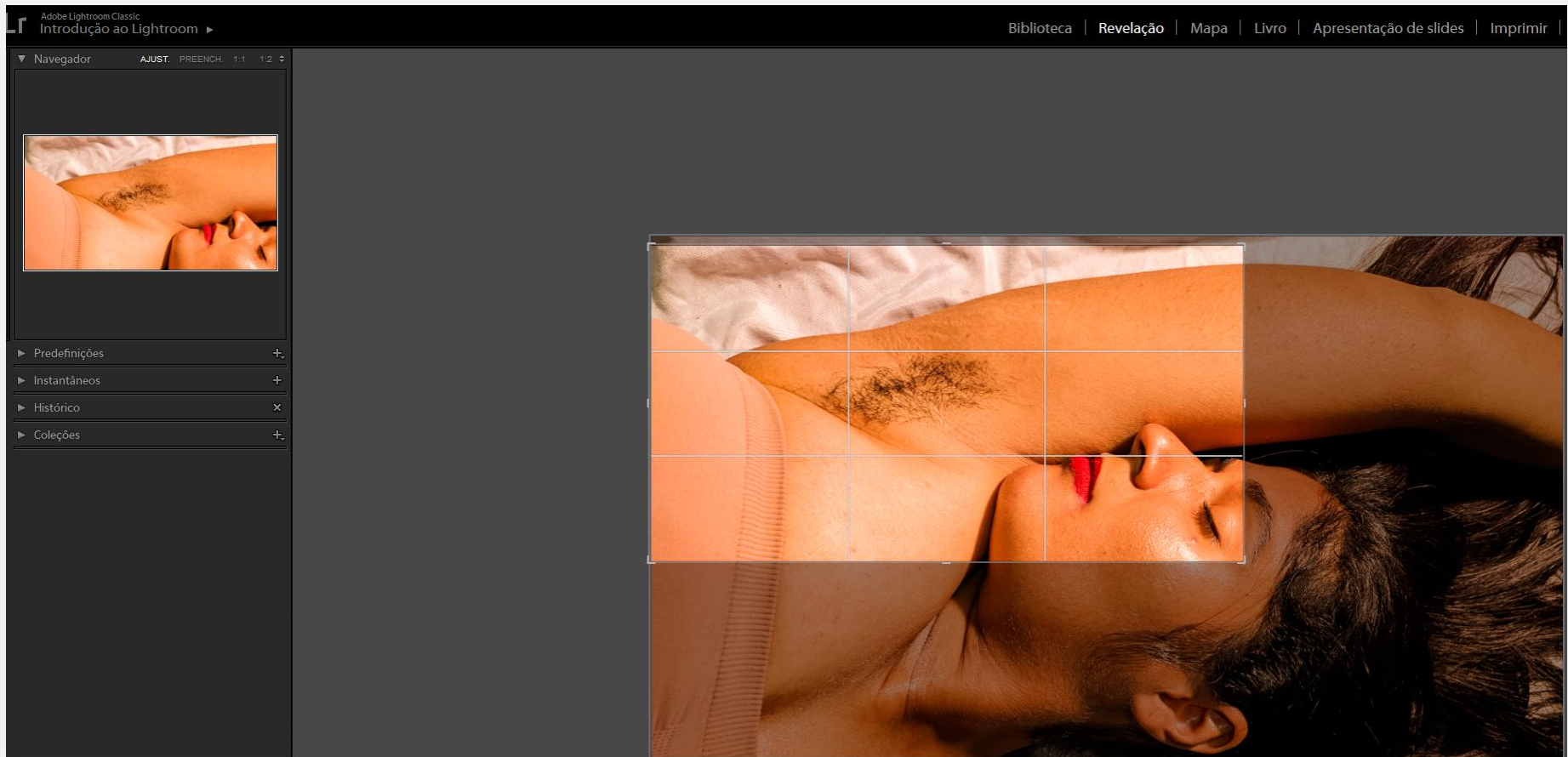


Figura 50 - Print da tela de revelação do *Lightroom*. Pós produção. Imagem com uso da ferramenta de corte.

Thaís Torres.

Fonte: Acervo pessoal.

2023

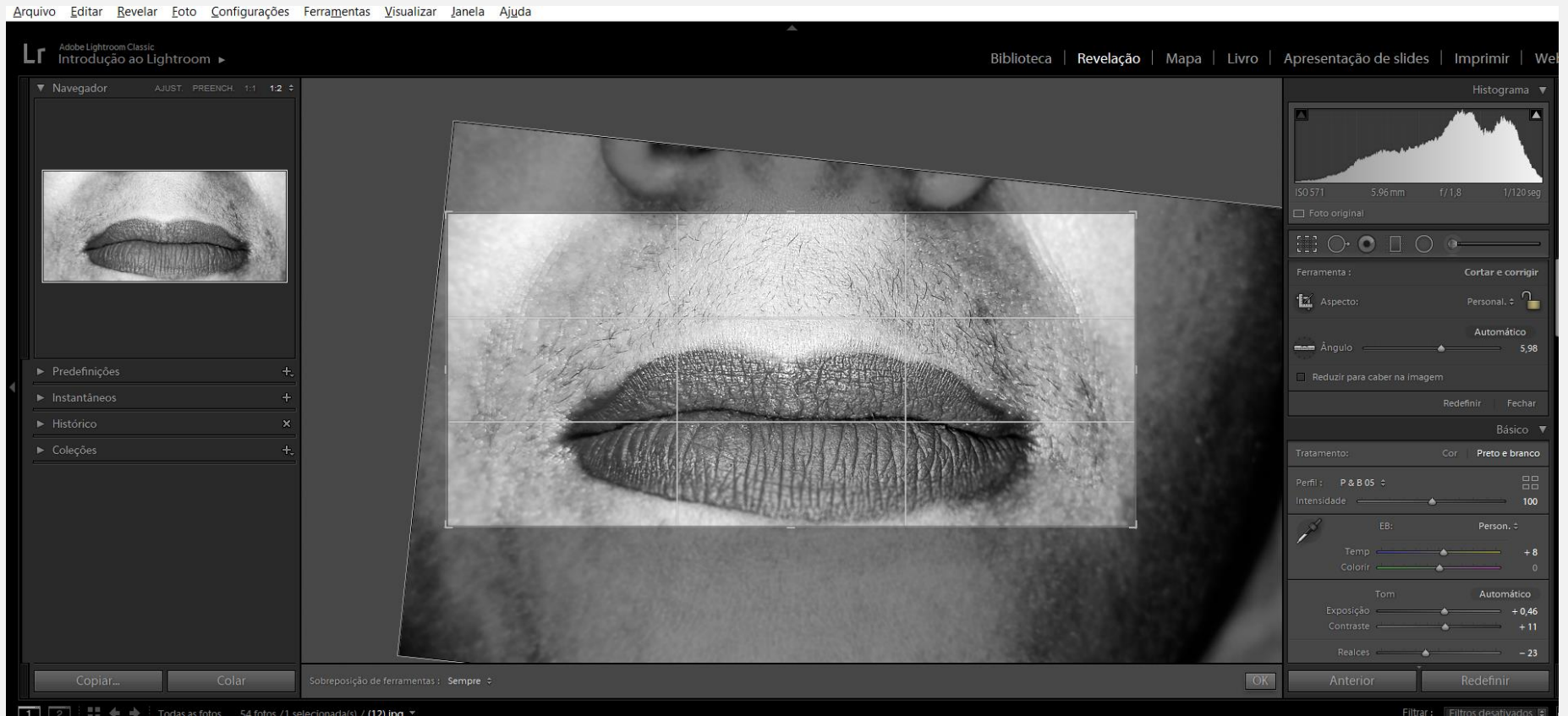


Figura 51 - Print da tela de revelação do *Lightroom*. Pós produção. Imagem com uso da ferramenta de corte. Cor preto e branco. Thaís Torres. Fonte: Acervo pessoal. 2023

ANEXOS



Figura 52 - Exposição Entre o Plural e o Singular.



Figura 53 - Exposição Entre o Plural e o Singular.

Exposição Entre o Plural e o Singular.
 Material de divulgação da galeria da
 Faculdade de Artes Visuais (FAV-UFG).
 Exposição coletiva dos formandos 2023/2.
 Imagem Digital.
 2024

